



UNIVERSIDADE CHRISTUS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA SAÚDE E
TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

JOSÉ ERNANE PEREIRA FERREIRA

ENTRE A GRANDE SECA E A VACINA NO CEARÁ: ARTE E EDUCAÇÃO
COMO ESTRATÉGIAS DE MEMÓRIA E CUIDADO EM TEMPOS DE
EPIDEMIA

FORTALEZA

2026

JOSÉ ERNANE PEREIRA FERREIRA

ENTRE A GRANDE SECA E A VACINA NO CEARÁ: ARTE E EDUCAÇÃO
COMO ESTRATÉGIAS DE MEMÓRIA E CUIDADO EM TEMPOS DE EPIDEMIA

Dissertação apresentada à Universidade Christus para obtenção do título de Mestre em Ensino na Saúde e Tecnologias Educacionais. Área de concentração: Ensino e Saúde. Linha de pesquisa: Práticas Educativas em Saúde e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Lopes
Ferreira Lima

FORTALEZA

2026

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Centro Universitário Christus - Unichristus
Gerada automaticamente pelo Sistema de Elaboração de Ficha Catalográfica do
Centro Universitário Christus - Unichristus, com dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383e

Ferreira, José Ernane Pereira.

Entre a grande seca e a vacina no Ceará: arte e educação como estratégias de memória e cuidado em tempos de epidemia / José Ernane Pereira

Ferreira. - 2026.

72 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) - Centro Universitário Christus Unichristus, Mestrado em Ensino na Saúde e Tecnologias Educacionais, Fortaleza, 2026.

Orientação: Prof. Dr. Danilo Lopes Ferreira Lima.

Área de concentração: Ensino em Saúde.

1. Educação em saúde. 2. História da Saúde. 3. Saúde Pública. I. Título.

CDD 610.7

JOSÉ ERNANE PEREIRA FERREIRA

ENTRE A GRANDE SECA E A VACINA NO CEARÁ: ARTE E EDUCAÇÃO
COMO ESTRATÉGIAS DE MEMÓRIA E CUIDADO EM TEMPOS DE EPIDEMIA

Dissertação apresentada à Universidade
Christus para obtenção do título de Mestre em
Ensino na Saúde e Tecnologias Educacionais.
Área de concentração: Ensino e Saúde. Linha
de pesquisa: Práticas Educativas em Saúde e
Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Lopes Ferreira
Lima

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Danilo Lopes Ferreira Lima (Orientador)
Universidade Christus (UNICHRISTUS)

Profa. Dra. Danna Mota Moreira
Universidade Christus (UNICHRISTUS)

Profa. Dra. Zilda Maria Menezes de Lima
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família, alicerce de amor e força em todas as jornadas da vida. À minha esposa Suely Silvestre, pela dedicação, ternura e apoio incondicional aos nossos propósitos, que tornaram possível cada passo desta caminhada. Recordo, com profunda emoção, a memória de minha mãe, mulher de coragem e fé, que enfrentou a perda de duas filhas durante uma epidemia de difteria em Viçosa do Ceará. A ela, dedico este estudo como expressão de amor e de reconhecimento à resistência das mulheres cearenses que transformam a dor em esperança.

Ao Professor Dr. Danilo Lopes, orientador generoso e rigoroso, manifesto sincera gratidão pela escuta atenta, pela confiança e pela orientação segura que iluminaram este percurso.

À Professora Dra. Zilda Menezes, referência na formação histórica, agradeço pela inspiração e pelo exemplo de compromisso com o saber e com a humanidade.

Ao amigo e colega de longa data, Professor Dr. Kerginaldo Freitas, agradeço pela leal e duradoura amizade e parceria pela criteriosa revisão deste texto, marcada por sensibilidade e rigor intelectual.

Aos amigos Fábio Sousa pelo imprescindível apoio ao planejamento técnico-artístico das obras e o poeta Lélis Lunna por contribuir com a revisão ortográfica.

Reconheço, ainda, o apoio da Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza, cujas contribuições financeira e institucional reafirmam o valor da pesquisa e da formação docente em nossa cidade.

Por fim, rendo tributo às vozes anônimas da História — retirantes, curandeiros, mães, artistas e educadores, cujas trajetórias ecoam neste estudo e reafirmam que arte e educação são, acima de tudo, formas de memória e cuidado.

"A fome não é um mero fenômeno natural; é um drama social cuja face revela as desigualdades, a exclusão e o abandono que marcam a história do sertão. É entre a seca e a fome que o povo resiste, denunciando, em silêncio, as falhas de um Estado indiferente à sua dor."

— Rodolfo Teófilo, *A Fome* (1890)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta a concepção, produção e análise de um produto artístico-educacional fundamentado na série pictórica Seca, Fome e Epidemia, composta por três telas obras em óleo sobre tela que reconstituem, de modo visual e crítico, a Grande Seca de 1877-1879 e a epidemia de varíola que atingiu Fortaleza no final do século XIX e início do século XX. Tal conjunto evidencia deslocamento forçado, fome extrema, abandono estatal. O objetivo geral consistiu em evidenciar como a arte pode atuar enquanto tecnologia educativa na formação em saúde, mobilizando memória histórica e crítica social para problematizar desigualdades. As obras resgatam narrativas silenciadas e destaca Rodolfo Teófilo como figura histórico-pedagógica, cuja atuação no processo de vacinação é compreendida como gesto de cidadania frente à negligência institucional. A pesquisa adotou análise documental e historiográfica, criação artística autoral e leitura iconográfica para compreender o potencial formativo das imagens e sua capacidade de produzir reflexão crítica. O produto resultante reúne as telas destinadas ao ensino em educação e saúde, estruturadas para incentivar práticas pedagógicas interdisciplinares. Os resultados indicam que a imagem, enquanto memória, favorece revisitação histórica e consciência dos determinantes sociais do adoecimento, possibilitando aprendizagens éticas e politicamente situadas sobre sofrimento, cuidado e resistência coletiva. Conclui-se que a integração entre arte, educação e saúde amplia a formação crítica e fortalece a compreensão de processos históricos que seguem repercutindo no presente.

Palavras-chave: Educação em saúde; História da Saúde; Saúde Pública; Determinantes Sociais da Saúde.

ABSTRACT

This study presents the conception, production, and analysis of an artistic-educational product grounded in the pictorial series *Seca, Fome e Epidemia* (Drought, Hunger, and Epidemic), composed of three oil-on-canvas paintings that visually and critically reconstruct the Great Drought of 1877–1879 and the smallpox epidemic that affected Fortaleza in the late XIX and early XX centuries. The series portrays forced displacement, extreme hunger, and state abandonment as structural elements of the historical experience. The general objective was to demonstrate how art can function as an educational technology in health training by mobilizing historical memory and social critique to problematize inequalities. The artworks recover silenced narratives and emphasize Rodolfo Teófilo as a historical-pedagogical figure, whose engagement in vaccination practices is interpreted as an act of citizenship in response to institutional negligence. The research employed documental and historiographical analysis, original artistic production, and iconographic interpretation to examine the formative potential of the images and their ability to provoke critical reflection. The resulting product comprises the paintings intended for use in health and education teaching practices, structured to encourage interdisciplinary and humanized pedagogical approaches. The findings indicate that images, as memory devices, promote historical revisitation and awareness of the social determinants of illness, enabling ethical and politically situated learning on suffering, care, and collective resistance. It is concluded that the integration of art, education, and health enhances critical training and strengthens the understanding of historical processes that continue to reverberate in the present.

Keywords: Health Education; History of Health; Public Health; Social Determinants of Health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – *Os Retirantes da Grande Seca* (2025).

Óleo sobre tela, 70 × 100 cm. Fortaleza, Brasil. Autor: Ernane Pereira.

Figura 2 – *A Noite dos Mil Mortos* (2025).

Óleo sobre tela, 70 × 100 cm. Fortaleza, Brasil. Autor: Ernane Pereira.

Figura 3 – *O Pedido e a Negação* (2025).

Óleo sobre tela, 70 × 100 cm. Fortaleza, Brasil. Autor: Ernane Pereira.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

APS – Atenção Primária à Saúde

BVS – Biblioteca Virtual em Saúde

CE – Ceará

CID – Classificação Internacional de Doenças

COVID-19 – Coronavirus Disease 2019

DeCS – Descritores em Ciências da Saúde

ESF – Estratégia Saúde da Família

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MS – Ministério da Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

SUS – Sistema Único de Saúde

UFC – Universidade Federal do Ceará

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

VAH – Varíola Humana (Smallpox)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Objetivos	11
1.1.1. Objetivo Geral	11
1.1.2. Objetivos Específicos	11
2. EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA	13
2.1. Memória coletiva e história esquecida	13
2.2. Saúde pública como campo de exclusão e resistência	16
2.3. Contexto sociopolítico e as práticas de saúde pública no Ceará	18
2.4. A arte como linguagem pedagógica	20
2.5. Tecnologias educativas e abordagens interdisciplinares	21
3. MÉTODO	23
3.1. Fontes e critérios de seleção	23
3.2. Instrumentos e procedimentos	24
3.3. Análise dos dados	25
3.4. Limites do método	26
4. RESULTADOS	28
4.1. Os retirantes da Grande Seca	31
4.1.1. Análise pictórica	32
4.1.2. Contribuições para o ensino em saúde.....	34
4.2. A noite dos mil mortos	35
4.2.1. Análise pictórica	36
4.2.2. Contribuições para o ensino em saúde.....	39
4.3. O pedido e a Negação	40
4.3.1. Análise pictórica	41
4.3.2. Contribuições para o ensino em saúde.....	43
4.4. Produto Técnico	43
4.4.1. Impacto social	45
4.4.2. Memória histórica e direito à saúde coletiva	45
5. DISCUSSÃO	47
5.1. A obra como experiência pedagógica transformadora	47
5.2. Desafios observados na pesquisa	49
5.3. Potencial de expansão	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
7. REFERÊNCIAS	54
8. APÊNDICES	58
8.1. APÊNDICE A – DIÁRIO DE ATELIE: registro do processo criativo das obras pictóricas	58
8.2. APÊNDICE B – ICONOGRAFIA SUPLEMENTAR	61
8.2.1. Ana Nascimento Pereira	61
8.2.2. Dirce Maria Nascimento Pereira.....	62

8.2.3. Chagas Nascimento.....	63
8.2.4. Izídia Pereira	64
8.2.5. Chico Pereira.....	65
8.2.6. O pesadelo de Ana	66
8.2.7. O Banquete Sombrio.....	66
8.2.8. Chico e Ana	67
8.2.9. Rodolpho Theophilo	68
8.2.10. A Fortaleza dos Ausentes	69

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa um dos episódios mais emblemáticos da história social do Ceará, decorrente da confluência entre catástrofe climática, colapso sanitário e omissão governamental. A Grande Seca de 1877–1879 desencadeou intensos deslocamentos populacionais do sertão em direção ao litoral e à capital, expondo milhares de retirantes às condições extremas de fome, precariedade e vulnerabilidade social. Nesse contexto, a disseminação acelerada da varíola agravou de forma decisiva o sofrimento coletivo, culminando no episódio historicamente conhecido como “A Noite dos Mil Mortos”, expressão que sintetiza a produção social da morte e a violência estrutural que atingiu a população sertaneja naquele período (REIS, 2005; MIRANDA, 2007).

É nesse cenário de calamidade, silenciamento institucional e exclusão social que se insere a atuação de Rodolfo Teófilo. Sua iniciativa independente na produção e aplicação da vacina contra a varíola constituiu um marco na história da saúde pública cearense, ainda que frequentemente marginalizada nas narrativas oficiais (TEÓFILO, 1904; MELLO, 1993). Embora nascido em Salvador, Rodolfo Teófilo construiu no Ceará sua trajetória intelectual, científica e política, afirmando-se cearense por desejo próprio. Essa escolha expressa um compromisso ético com a população local, amplamente reconhecido por estudos acadêmicos e por instituições culturais do estado (SOUSA JÚNIOR; ALENCAR, 2017; ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, 2023).

A relevância desta pesquisa se sustenta em três dimensões articuladas. Em primeiro lugar, destaca-se a necessidade de resgatar uma memória histórica sistematicamente marginalizada nos relatos oficiais. Em segundo, evidencia-se a possibilidade de expressar e problematizar, por meio da linguagem artística, as complexas relações entre crise ambiental, saúde pública e exclusão social. Em terceiro, ressalta-se a atualidade do tema, que dialoga diretamente com desafios contemporâneos das políticas públicas de saúde, especialmente no que se refere à desigualdade no acesso aos cuidados e à participação social. Em termos históricos, Rodolfo Teófilo emerge como símbolo de resistência e compromisso ético, cuja atuação no enfrentamento da varíola oferece importantes lições sobre engajamento popular e defesa da vida.

A pesquisa busca suprir uma lacuna historiográfica e formativa ao investigar de que modo a articulação entre história, arte e educação pode configurar como mecanismo de produção de memória social e de consciência crítica. Essa inquietação orienta o percurso investigativo e se materializa na seguinte pergunta norteadora: de que maneira a arte, enquanto tecnologia educativa, pode contribuir para a compreensão crítica dos

efeitos da Grande Seca de 1877–1879 e da epidemia de varíola no Ceará, ao mediar memórias silenciadas, tensionar desigualdades sociais e provocar processos de sensibilidade, reflexão e formação nos campos da saúde e da educação?

Para sustentar essa análise, estabelece-se diálogo com as teorias da memória coletiva (HALBWACHS, 2006), dos lugares de memória (NORA, 1993) e das pedagogias críticas (FREIRE, 1996), articulando-as à produção visual compreendida como método de conhecimento. A partir desse arcabouço teórico, a pesquisa assume a arte como linguagem epistemológica, capaz de produzir afetos e interpretações críticas sobre processos históricos e sociais. Nesse movimento, a pesquisa aproxima-se do campo da educação patrimonial ao situar as produções artísticas como bens culturais portadores de referenciais históricos compartilhados, passíveis de serem mobilizados em processos educativos voltados à valorização da história, à problematização das desigualdades e à construção de pertencimento e responsabilidade coletiva.

1.1.1. Objetivos

1.1.1. Objetivo Geral

Analisar os efeitos da Grande Seca de 1877–1879 e seus desdobramentos, com ênfase na epidemia de varíola e em suas reverberações sociopolíticas, por meio da integração entre narrativa histórica, criação artística e práticas pedagógicas vinculadas ao campo da saúde.

1.1.2. Objetivos Específicos

- a) Reconstituir historicamente os eventos relacionados à Grande Seca e à epidemia de varíola, destacando aspectos associados à exclusão social, às políticas sanitárias e à produção de memórias silenciadas;
- b) Retratar a série pictórica Seca, Fome e Epidemia como dispositivo estético-narrativo, investigando seus elementos simbólicos e sua capacidade de representar resistência camponesa e cuidado em saúde;
- c) Examinar as impressões pedagógicas das imagens no ensino em saúde e educação, analisando os determinantes sociais da saúde, com especial atenção às iniciativas de Rodolfo Teófilo na institucionalização das práticas vacinais em Fortaleza.

Os resultados alcançados estruturam-se em três núcleos interpretativos. O primeiro, *Os Retirantes da Grande Seca*, que recompõe o tecido histórico, examinando causalidades e as dinâmicas migratórias. O segundo, *A Noite dos Mil Mortos*, compreendido como registro da tragédia social, destaca seu potencial comunicativo na reativação da memória coletiva. O terceiro núcleo, *O Pedido e a Negação* problematiza a construção das políticas sanitárias no Estado, evidenciando continuidades e rupturas entre passado e presente.

Diante desse panorama, torna-se necessário situar teoricamente os eixos que sustentam a análise desenvolvida nesta dissertação. Se por um lado a Grande Seca e a epidemia de varíola constituem o campo histórico que fundamenta a investigação, por outro, é na reflexão conceitual que se delineiam os instrumentos críticos para compreender como historicidade, imagem e educação se entrelaçam na produção de conhecimento. Assim, o capítulo seguinte aprofunda os referenciais que orientam esta pesquisa, articulando a teoria da memória coletiva e dos lugares de memória às discussões sobre arte como produção epistemológica e às pedagogias críticas que informam práticas formativas no campo da saúde. Essa base teórica permitirá sustentar os resultados apresentados, assegurando coerência entre percurso metodológico, produção artística e interpretação histórica.

2. EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA

A seção *Educação e Saúde Pública* articula os fundamentos teóricos que sustentam a pesquisa desenvolvida e estabelece o eixo conceitual que permite compreender a relação entre memória histórica, desigualdade sanitária e práticas educativas contemporâneas. O texto apresenta a Grande Seca de 1877–1879 e a epidemia de varíola como acontecimentos não apenas epidemiológicos, mas também sociopolíticos, marcados por abandono institucional, sofrimento coletivo e apagamento memorial (HALBWACHS, 2006; NORA, 1993; PORTELLI, 1997).

Na subseção Memória Coletiva e História Esquecida, evidencia-se como a tragédia dos retirantes constitui um exemplo emblemático de esquecimento institucionalizado, no qual o silêncio e a ausência também produzem sentido histórico (HALBWACHS, 2006; PORTELLI, 1997). Em seguida, a subseção Saúde Pública como Campo de Exclusão e Resistência examina de que modo a política imperial de saúde reforçou desigualdades sociais, confinou sertanejos em espaços de segregação e reduziu corpos vulneráveis à condição de indicadores estatísticos, em consonância com análises críticas da saúde pública e do poder sobre a vida (FOUCAULT, 2008; CAMPOS, 2000; MERHY, 2002). Destaca-se a atuação de Rodolfo Teófilo como figura histórica de resistência, cuja prática autônoma de vacinação configurou um gesto ético, político e pedagógico (TEÓFILO, 1904; MELLO, 1993; SOUSA JÚNIOR; ALENCAR, 2017).

O conteúdo se completa com as subseções: A Arte como Linguagem Pedagógica e Tecnologias Educativas e Abordagens Interdisciplinares, que fundamentam a inserção da pintura como dispositivo cognitivo, sensível e formador. A arte é compreendida não como ornamentação curricular, mas como metodologia ativa e forma de produção de conhecimento, conforme defendem as pedagogias críticas e as abordagens da pesquisa baseada em artes, capazes de promover reflexão crítica, empatia e leitura dos determinantes sociais da saúde (FREIRE, 1996; EISNER, 2002).

2.1. Memória coletiva e história esquecida

A memória coletiva constitui-se como uma construção social intrinsecamente seletiva, política e atravessada por disputas. Conforme assinala Halbwachs (2006), ela se ancora em quadros sociais que situam os sujeitos no tempo e no espaço, tornando impossível o ato de lembrar sem essa mediação coletiva. A tragédia dos retirantes da Grande Seca de 1877-1879 no Ceará exemplifica um processo inverso, a

institucionalização do esquecimento¹. Essa dinâmica se manifesta pela ausência de registros sistematizados, pela omissão do Estado que atua como forma de apagamento histórico.

É nesse horizonte de disputas pela memória que emerge a figura do historiador como sujeito incômodo, responsável por tensionar o *status quo*. Essa condição é condensada, em linguagem poética, por Andrade (1998), cuja reflexão literária permite apreender a dimensão política do lembrar e do esquecer.

O historiador
 Veio para ressuscitar o tempo
 e escarpelar os mortos,
 as condecorações, as liturgias, as espadas,
 o espectro das fazendas submergidas,
 o muro de pedra entre membros da família,
 o ardido queixume das solteironas,
 os negócios de trapaça, as ilusões jamais confirmadas
 nem desfeitas.
 Veio para contar
 o que não faz jus a ser glorificado
 e se deposita, grânulo,
 no poço vazio da memória.
 É importuno,
 sabe-se importuno e insiste,
 rancoroso, fiel.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. A paixão medida, 1998)

A imagem do historiador delineada pelo poeta explicita a tarefa crítica de enfrentar o silêncio da história oficial. Ao assumir-se como “importuno”, o historiador apresentado no poema ocupa o lugar daquele que recusa a glorificação do passado e se dedica a revelar aquilo que foi relegado ao “poço vazio da memória”. Esse processo de recordação e apagamento, por sua vez, é construída e sustentada por quadros sociais que selecionam o que deve ser lembrado ou esquecido. O poema se apresenta como chave interpretativa para compreender os processos de institucionalização do esquecimento, antecipando o debate sobre as narrativas silenciadas da Grande Seca e seus efeitos na produção histórica e social da saúde.

Os quadros sociais da memória exercem uma função interpretativa, ao organizar os sentidos atribuídos ao passado e estabelecer os marcos simbólicos a partir dos quais os acontecimentos históricos são compreendidos. A memória coletiva implica processos ativos de interpretação das experiências sociais (HALBWACHS, 2006; NORA, 1993).

¹ Entende-se como prática política de governo, não como lapsus natural. Nora (1993) distingue “institucionalização do esquecimento” dos lugares de memória; Halbwachs (2006), dos “quadros sociais” que selecionam o lembrável; Portelli (1997), do silêncio como produtor de sentido.

Essa compreensão como construção social e como campo de disputas estabelece diálogo direto com a educação patrimonial, entendida como prática educativa que problematiza os processos de valorização dos sujeitos históricos. Ao assumir a memória como objeto pedagógico, esta contribui para a reativação de histórias marginalizadas e para a formação de uma consciência crítica sobre o passado e suas permanências no presente (CHOAY, 2001; FONSECA, 2009).

Nora (1993) oferece uma distinção fundamental entre os lugares de memória e os meios desta. Enquanto os primeiros são vinculados a monumentos e marcos tangíveis, os meios de memória vivem em práticas, gestos e narrativas que mantêm vivas experiências silenciadas. No caso dos sertanejos do século XIX e início do século XX, esses meios sobreviveram principalmente na oralidade popular, como cantigas e relatos familiares, escassas fotografias da época e, conforme esta pesquisa propõe, encontram também expressão na tradução artística dessa história ignorada.

O sofrimento provocado pela seca resultou na morte de mais de 1000 mil cearenses e no deslocamento de pelo menos 60 mil pessoas para Fortaleza (REIS, 2005). Embora esses números estejam registrados na historiografia, eles ocupam lugar marginal no imaginário coletivo brasileiro, revelando a distância entre o conhecimento histórico produzido e as narrativas socialmente legitimadas sobre o passado nacional. Não há monumentos públicos significativos dedicados à lembrança dessas vítimas, tampouco sua presença é marcante em livros didáticos. Portelli (1997) reforça que o silêncio fala e, neste contexto, essa ausência não é mero esquecimento natural, mas um apagamento ativo e institucionalizado.

Diante disso, a proposta artística aqui apresentada atua como um lugar de reparação simbólica, funcionando como um contra-monumento visual que reinscreve, por meio da tinta e das sombras, aquilo que foi deliberadamente omitido. O rosto das vítimas é reconduzido à presença, o gesto de cuidado se torna denúncia, e a tela pintada assume a forma de um espaço de escuta histórica.

Com isso, abre-se caminho para pensar a memória como prática de saúde. Dar nome aos que foram calados, pintar os corpos que não foram sepultados com dignidade, reconstituir a imagem de um tempo desumanizado é, também, afirmar que o ensino em saúde pode (e deve) acolher as narrativas históricas como prática de cuidado integral, combatendo a invisibilidade imposta aos retirantes na história oficial.

2.2. Saúde pública como campo de exclusão e resistência

Ao longo do processo de reorganização política e institucional que marcou o final do século XIX e os primeiros anos do século XX, a saúde pública brasileira passou a funcionar prioritariamente como um mecanismo de ordenamento social, orientado mais pelo controle das populações consideradas indesejáveis do que pela promoção efetiva do cuidado. No contexto da Grande Seca, essa lógica tornou-se ainda mais evidente. Os retirantes que chegaram a Fortaleza, marcados pela fome e pela exaustão, passaram a ser tratados pelas autoridades como problema sanitário e ameaça à ordem urbana, sendo confinados em galpões e abrigos improvisados que funcionavam como espaços de segregação, controle e exclusão social.

Nesta investigação, a saúde pública é compreendida como o conjunto de práticas, instituições e políticas organizadas pelo Estado para intervir sobre os problemas sanitários da população. Historicamente, esse campo estruturou-se a partir de uma racionalidade normativa e higienista, orientada pelo controle dos riscos e pela regulação dos corpos e dos territórios, frequentemente dissociada das condições sociais que produzem o adoecimento (LAURELL, 1982; CAMPOS, 2000).

Miranda (2007) observa que o modelo imperial de saúde pública se estruturava a partir de uma racionalidade higienista que identificava nas populações pobres os focos de sujeira, desordem e degeneração da nação. Em lugar de políticas inclusivas, a resposta oficial privilegiou estratégias de isolamento e confinamento, utilizadas como instrumentos de contenção das desordens urbanas e de apaziguamento do medo social provocado pela propagação da varíola.

As respostas institucionais à crise sanitária demonstram, portanto, que a saúde pública funcionava como campo de produção de exclusões. A concentração de retirantes em áreas de isolamento, a precariedade das medidas preventivas e a negligência diante da disseminação da varíola revelam uma lógica na qual determinados grupos sociais eram sistematicamente relegados à condição de vidas descartáveis. Tal dinâmica confirma a compreensão de que a epidemia não se configurou apenas como um problema médico, mas como expressão de relações de poder que definem quem deve ser protegido e quem pode ser abandonado à própria sorte (FOUCAULT, 2008).

Essa situação atingiu seu ápice no episódio conhecido como “*A Noite dos Mil Mortos*”, ocorrido em 10 de dezembro de 1878, em que retirantes morreram por febre, fome e abandono no depósito da Lagoa Funda. Apesar da escassez de registros oficiais, relatos da época denunciam o silêncio institucional que envolveu o episódio. Mello

(1993) descreve esse processo como um verdadeiro pacto de silenciamento, responsável por transformar em sombra aquilo que deveria ter sido denúncia pública e responsabilização estatal.

A fome, a doença e a morte que marcaram a experiência da Grande Seca foram produzidas em um contexto de profundas desigualdades sociais, de ausência de políticas públicas efetivas e de omissão deliberada do Estado. É nessa direção que a pesquisa se ancora na perspectiva da determinação social da saúde, entendida como um referencial crítico que interpreta os processos de adoecimento como social e historicamente produzidos, rompendo com leituras multicausais fragmentadas, e os compreendendo resultantes das condições de vida, das relações de trabalho, da organização social e das decisões políticas que estruturam a sociedade (LAURELL, 1982; BREILH, 2006).

Nesse horizonte, insere-se o campo da saúde coletiva, que emerge na América Latina como um movimento teórico, político e epistemológico de contestação ao modelo tradicional de saúde pública. Diferentemente de uma concepção restrita à gestão estatal de riscos e doenças, a saúde coletiva compreende a saúde como fenômeno social, produzido nas relações históricas, econômicas, culturais e políticas que organizam a vida em sociedade. Conforme assinalam Laurell (1982) e Campos (2000), esse campo desloca o foco da intervenção sanitária do controle dos corpos para a análise crítica das condições de vida, do trabalho, das desigualdades e das formas de participação social.

Essa perspectiva permite compreender que a epidemia de varíola, intensificada durante a seca, não constituiu um acontecimento fortuito ou inevitável, mas um fenômeno profundamente atravessado por desigualdades estruturais. A precarização das condições de moradia, a desnutrição, a migração forçada e a inexistência de uma política sanitária inclusiva criaram um ambiente propício à disseminação da doença e à ampliação de seus efeitos letais. A saúde, nesse contexto, revela-se como um território marcado por conflitos éticos e políticos, no qual se expressam tanto mecanismos de exclusão quanto possibilidades de resistência (CAMPOS, 2000).

É nesse cenário que Rodolfo Teófilo, cuja iniciativa autônoma na produção e aplicação da vacina² contra a varíola tensionou diretamente as práticas sanitárias oficiais. Teófilo compreendeu que o enfrentamento da varíola exigia mais do que normativas e

² A vacina antivariólica produzida por Teófilo seguia o método dos **linfocistos bovinos**: extração do líquido de vesículas formadas em bezerros inoculados com o *vírus vaccinia*. No Ceará, o calor tropical comprometia a estabilidade do material biológico, exigindo produção contínua e aplicação imediata, condições que reforçavam a resistência oficial à vacinação obrigatória. Cf. VENÂNCIO, 2011; TEÓFILO, 1904.

advertências. Entre 1890 e 1904, iniciou uma campanha emblemática, produzindo sua própria vacina e oferecendo-a diretamente à população nas ruas e feiras de Fortaleza, enfrentando resistências das autoridades, da imprensa conservadora e das elites contrárias à vacinação.

Sua atuação, registrada em *Epidemias e febres nos sertões do Brasil* (TEOFILO,1904), expressa a dramaticidade do contexto vivido. Tal prática pode ser interpretada, à luz do pensamento de Freire (1996), como uma ação ética, transgressora e emancipatória, baseada no diálogo entre saberes, na escuta ativa e na responsabilidade coletiva diante da vida.

Seu legado ultrapassa o registro histórico e se constitui como uma experiência formativa de educação sanitária popular, marcada pelo contato direto com a população e pela articulação entre ciência e saberes do povo. A proposta pictórica desenvolvida nesta pesquisa pode ser interpretada com uma denúncia pedagógica, ao recuperar essas memórias silenciadas e afirmar a arte como linguagem capaz de produzir conhecimento.

As dinâmicas de exclusão, controle e resistência analisadas nesta subseção não se constituíram de forma abstrata ou homogênea, mas foram historicamente produzidas em contextos sociais específicos. Assim, a compreensão dessas práticas exige sua inscrição no contexto histórico concreto em que foram engendradas, considerando as condições econômicas, políticas e territoriais que moldaram as respostas estatais à seca, à fome e às epidemias. É a partir dessa perspectiva que se torna necessário examinar o contexto sociopolítico do Ceará, no qual tais racionalidades sanitárias se materializaram de maneira singular.

2.3. Contexto sociopolítico e as práticas de saúde pública no Ceará

A passagem do Império à República não significou uma ruptura imediata nas práticas sanitárias, mas revelou continuidades profundas nas formas de gestão da pobreza, da fome e da doença, agora revestidas por discursos científicos e modernizadores. No Ceará, tais processos assumiram contornos específicos em razão da recorrência das secas, da fragilidade econômica regional e da histórica marginalização do Nordeste nos projetos nacionais de desenvolvimento. A fome, os deslocamentos forçados e a disseminação de epidemias evidenciaram os limites de um modelo sanitário incapaz de responder às necessidades das populações mais vulneráveis, demonstrando que os processos de adoecimento coletivo não podem ser compreendidos de forma dissociada do contexto histórico, social e político em que se produzem.

A Grande Seca e a epidemia de varíola não são tratadas como eventos isolados, mas como expressões condensadas de estruturas históricas mais amplas, relacionadas à concentração fundiária, à fragilidade das políticas sociais e às hierarquias regionais que atravessaram a formação do Estado brasileiro no período.

Ao longo da segunda metade do século XIX, o Ceará integrou uma economia periférica no interior do Império brasileiro, caracterizada pela dependência da agropecuária extensiva, pela produção algodoeira sujeita às oscilações climáticas e pela concentração fundiária. A ausência de políticas públicas estruturantes e a precariedade das infraestruturas agravavam a vulnerabilidade das populações sertanejas, cujos modos de vida eram constantemente ameaçados pela irregularidade das chuvas (STARLING, 2015).

A Grande Seca constituiu um marco decisivo na história do Ceará. Considerada uma das maiores catástrofes humanitárias do Brasil oitocentista, a seca provocou mortalidade em larga escala, associada não apenas à fome, mas também às doenças decorrentes da desnutrição e das migrações forçadas. A fome não deve ser interpretada como um fenômeno natural, mas como produto de uma organização social excludente, na qual a distribuição desigual dos recursos produz corpos enfraquecidos e suscetíveis ao adoecimento coletivo (CASTRO, 1984).

Sob essa perspectiva, a seca também assume um caráter político. As respostas estatais, baseadas em ações assistencialistas, mostraram-se incapazes de enfrentar as causas estruturais da miséria, reforçando relações de dependência e exclusão social. A vulnerabilidade sanitária das populações sertanejas, estava diretamente relacionada à forma como o Estado organizava as políticas de proteção social.

Os deslocamentos em massa em direção a Fortaleza e outras cidades do litoral transformaram o espaço urbano em um território de tensões sociais. Os retirantes, subnutridos, doentes e sem acesso à moradia, passaram a ser associados à propagação de epidemias e à desordem social. No Ceará, essa lógica resultou na criação de abarracamentos e campos de confinamento de retirantes, espaços destinados prioritariamente ao isolamento e ao controle. Os retirantes, considerados excedentes sociais, eram submetidos a práticas que evidenciavam a seletividade do cuidado estatal.

A Proclamação da República intensificou os discursos de modernização e progresso. No campo da saúde pública, esse processo esteve associado à consolidação do higienismo e à crença na ciência como instrumento de regeneração social. Segundo Hochman (1998), a construção do Estado sanitário brasileiro ocorreu de forma desigual,

priorizando ações de controle das epidemias que ameaçavam os centros urbanos estratégicos, em detrimento das populações mais pobres e afastadas.

No Ceará, epidemias como a varíola, a febre amarela e o cólera evidenciaram os limites desse modelo. A ausência de saneamento básico, a precariedade das habitações e a fome estrutural comprometiam as campanhas sanitárias. A atuação de Rodolfo Teófilo no combate à varíola no Ceará ilustra de forma emblemática essas contradições. Ao produzir e aplicar a vacina antivariólica em um contexto de abandono estatal, Teófilo revelou tanto o potencial emancipador da ciência quanto seus limites quando dissociada de políticas públicas estruturantes (TEÓFILO, 1922).

2.4. A arte como linguagem pedagógica

Diante dos processos históricos analisados anteriormente, torna-se necessário refletir sobre as formas pelas quais essas experiências podem ser reativadas, elaboradas e transmitidas no presente. Nessa direção, a linguagem artística surge como catalisador formativo de posicionamentos críticos frente às desigualdades historicamente construídas. A memória, já compreendida neste estudo como construção social, torna-se mobilização pedagógica, capaz de reativar experiências históricas silenciadas por meio da linguagem artística.

A arte não deve ser vista apenas como um adorno no ensino, mas como uma via legítima de produção e compartilhamento do conhecimento. No contexto educacional em saúde, historicamente marcado por metodologias prescritivas, a arte emerge como uma linguagem sensível de aprendizagem que reintegra o indivíduo à historicidade.

Eisner (2002) argumenta que a maneira como representamos o mundo influencia diretamente nossa compreensão dele, defendendo currículos que integrem modos expressivos de pensamento capazes de mobilizar não apenas o raciocínio lógico, mas também a imaginação, a percepção estética, a empatia e a intuição. Essas competências são fundamentais para a formação em saúde, pois envolvem dimensões para além do âmbito técnico.

Ilustrar por meio da pintura a Noite dos Mil Mortos propõe um convite à escuta visual. Conforme apontado por Georges Didi-Huberman (2012), a imagem se constitui em um espaço de resistência onde o visível se choca com o indizível. É nesse encontro violento que o gesto pedagógico emerge, estimulando a sensibilidade para sentir antes de julgar, ver antes de esquecer e imaginar antes de responder.

Freire (1996) assevera que a educação libertadora se inicia na problematização do mundo vivido. A arte, por excelência, tem a força de apresentar cenas que tensionam as certezas, convocando-nos à memória afetiva e histórica e abrindo espaços para o diálogo crítico. Portanto, mais que simplesmente ilustrar conteúdos, a pintura funciona como um texto visual capaz de revelar contradições, provocar questionamentos e criar novos sentidos para o ensinar e aprender.

No contexto do ensino em saúde, tal abordagem é especialmente relevante, dado que os processos formativos frequentemente privilegiam conteúdos técnico-científicos em detrimento das dimensões subjetivas e socioculturais da existência (STOTZ, 2006). Incorporar obras de arte como disparadoras para reflexão sobre temas como epidemias, migração, sofrimento coletivo e resistência não configura apenas uma linguagem estética, mas uma reconexão ética com os sujeitos da história.

A pintura se apresenta também como tecnologia educativa. Pode ser projetada, exibida, discutida, reconstruída em oficinas, usada em livros, vídeos, podcasts e murais escolares. Trata-se de uma tecnologia sensível, que ultrapassa o instrumental de caráter supérfluo, tornando-se um meio compartilhável.

Por essas razões, reitere-se que a arte, especialmente a pintura narrativa histórica, atua como mediação pedagógica plural que conecta tempos e saberes. Como prática de ensino em saúde, propõe uma escuta ampliada; como prática educativa, exercita o verbo lembrar; como arte, devolve humanidade a histórias desumanizadas.

2.5. Tecnologias educativas e abordagens interdisciplinares

A educação em saúde, especialmente em sua vertente crítica e transformadora, demanda mais do que a transmissão de conteúdos. Para promover relação do sujeito com sua história, seu território e sua sensibilidade, é fundamental o uso de tecnologias educativas ampliadas. Essas tecnologias não se limitam a equipamentos, mas abrangem linguagens, metodologias e recursos multimodais que potencializam a experiência formativa.

Na presente pesquisa, essas tecnologias são representadas por recursos artísticos, visuais, narrativos e expositivos que estruturam a proposta: as pinturas, o curta-metragem, o catálogo digital e os materiais pedagógicos derivados são exemplos que podem ser utilizados. Tais elementos funcionam como mediações estéticas que provocam o pensamento crítico, promovendo uma educação patrimonial que articula ensino de história e saúde (DIDI-HUBERMAN, 2012; MIRANDA, 2007).

Nesse campo, a memória atua como tecnologia educativa, organizando narrativas, selecionando vestígios e orientando práticas pedagógicas que articulam passado, território e experiência social. Esses bens têm capacidade para gerar leituras históricas e questionar desigualdades estruturais. Esta se configura como um campo pedagógico voltado à reflexão crítica sobre o passado e à formação de sujeitos históricos, em diálogo com as contribuições de autores como Choay (2001), Scifoni (2012) e Fonseca (2009).

Demo (2000) argumenta que a aprendizagem surge do que é mobilizado no sujeito que escuta, e não apenas do que é transmitido verbalmente. Por isso, privilegia-se pedagogicamente linguagens que ativem emoções, empatia e imaginação, como imagens dramáticas, relatos poéticos e experiências imersivas. Nesse sentido, a arte configura-se também como tecnologia educativa, capaz de narrar o indizível e aproximar tempos históricos, ampliando o campo dos significados.

O projeto adota uma perspectiva interdisciplinar. Segundo Zabala (1998), a interdisciplinaridade exige abertura à contaminação de saberes e modos de ver. A escolha da pintura contemporânea para tratar das epidemias de varíola do final do século XIX e do início do século XX rompe a segmentação curricular tradicional, ativando uma aprendizagem articulada à múltiplas dimensões do conhecimento. As telas, enquanto instrumentos de mediação, ampliam sua atuação em variados contextos formativos realçando seu potencial enquanto dispositivo pedagógico.

Por fim, ao incorporar a arte como tecnologia educativa integrada a recursos contemporâneos alinha-se às diretrizes da BNCC e às políticas de saúde baseadas na comunidade e na participação social, promovendo modalidades de ensino híbrido e formação integral.

3. MÉTODO

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, documental e artístico-formativa, fundamentada nos pressupostos da *Art-Based Research*, perspectiva que reconhece a arte como campo legítimo de produção, interpretação e comunicação de conhecimento (EISNER, 2002; BARONE; EISNER, 2012). Essa abordagem é articulada à perspectiva histórico-crítica, que compreende os fenômenos sociais a partir de sua inserção histórica, material e contraditória (SAVIANI, 2000; KOSÍK, 1976).

Esse delineamento metodológico possibilita a análise interdisciplinar de um objeto, no qual se entrecruzam dimensões histórica, estética e educação em saúde. Tal integração permite não apenas examinar os acontecimentos relacionados à Grande Seca de 1877–1879 e à epidemia de varíola no Ceará, mas também interpretar os significados simbólicos e políticos que emergem quando esses eventos são revisitados por meio da produção artística.

Trata-se, portanto, de um estudo qualitativo de caráter interpretativo, cujo objetivo consiste em compreender de que modo a série pictórica inspirada na obra *A fome*, de Rodolfo Teófilo, constitui-se como dispositivo memorial e educativo no campo da formação em saúde. No plano histórico, a investigação se configura como pesquisa documental; no campo das artes, assume o formato de investigação baseada na prática; e, no eixo pedagógico, insere-se na tradição histórico-crítica, articulando produção estética, reflexão teórica e mediação formativa.

3.1. Fontes e critérios de seleção

O primeiro conjunto é composto por fontes primárias, tendo como eixo central os escritos de Rodolfo Teófilo (1904, 1922, 1930), selecionados por sua condição de testemunho direto dos acontecimentos relacionados à Grande Seca de 1877–1879 e à epidemia de varíola em Fortaleza. As obras *Epidemias e febres nos sertões do Brasil* (1904), *História da seca do Ceará (1877–1879)* (1922) e *A fome: cenas da sêcca do Ceará* (1930) constituem o fundamento empírico da pesquisa, oferecendo descrições detalhadas das condições sanitárias, das práticas de vacinação artesanal e das respostas institucionais ao colapso epidêmico. A análise dessas fontes, realizada em diálogo com a historiografia contextualiza, criticamente a produção e circulação desses registros (REIS, 2005; MIRANDA, 2007; MELLO, 1993), bem como com imagens históricas e documentos oficiais consultados em acervos públicos de acesso aberto.

O segundo conjunto reúne fontes secundárias, constituídas por livros e artigos científicos que abordam a Grande Seca e a epidemia de varíola. Esses materiais foram selecionados com base no reconhecimento institucional e pertinência temática, contemplando abordagens históricas, sociopolíticas e educacionais que fundamentam a análise desenvolvida (CAMPOS, 2000; LAURELL, 1982; HALBWACHS, 2006; NORA, 1993; EISNER, 2002). Foram excluídos do corpus materiais com autoria incerta, ausência de datação confiável ou sem relação comprovada com os eventos analisados, assegurando rastreabilidade, coerência metodológica e consistência documental ao estudo.

3.2. Instrumentos e procedimentos

A produção dos dados desenvolveu-se em três etapas interdependentes. A primeira correspondeu à pesquisa documental, envolvendo o levantamento, a seleção e a sistematização de fontes primárias e secundárias, seguido de fichamento crítico e organização temática. Esse procedimento possibilitou a reconstrução histórica dos acontecimentos relacionados à Grande Seca de 1877–1879 e à epidemia de varíola, constituindo a base narrativa para a elaboração do enredo visual das obras pictóricas (GIL, 2008; REIS, 2005).

A segunda etapa consistiu na manutenção de um diário de ateliê (ver Anexo A), utilizado ao longo de todo o processo criativo para o registro sistemático das decisões estéticas, dos ensaios cromáticos, dos esboços, dos tensionamentos éticos e das reflexões simbólicas suscitadas pela prática artística. O diário funciona, simultaneamente, como instrumento de pesquisa e como dado analítico (SULLIVAN, 2010; BARONE; EISNER, 2012).

A terceira etapa compreendeu a produção artística, materializada em uma série pictórica desenvolvida em pintura a óleo sobre tela. As obras foram elaboradas a partir de estudos iconográficos, esboços estruturantes e experimentações relativas à luz, à cor, à composição e à corporeidade, sendo cada pintura tratada como unidade narrativa e analítica, conforme orientações da *Art-Based Research*, que reconhece a criação artística como forma legítima de produção de conhecimento (EISNER, 2002).

Considerando que a pesquisa envolve análise documental, produção artística autoral e utilização de acervos públicos de acesso aberto, todos os materiais consultados respeitam os direitos autorais e as normas legais de reprodução. As obras pictóricas apresentadas são inéditas e constituem resultado direto do processo investigativo

desenvolvido, não havendo uso indevido de imagens, documentos ou referências protegidas por direitos autorais.

3.3. Análise dos dados

A análise dos dados foi orientada pelo princípio da triangulação metodológica, estratégia que possibilita apreender o objeto investigado ao relacionar diferentes perspectivas analíticas e campos de conhecimento (MINAYO, 2014). Essa abordagem permitiu integrar dimensões históricas, estéticas e pedagógicas, ampliando a compreensão dos fenômenos estudados e de seus desdobramentos simbólicos e formativos.

O primeiro eixo corresponde à análise histórico-documental, voltada à interpretação crítica das fontes primárias e secundárias. Essa leitura, fundamentada na teoria da memória coletiva, conforme desenvolvida por Halbwachs (2006), permitiu compreender os processos sociais associados à Grande Seca e à epidemia de varíola. Complementarmente, mobilizou-se o referencial foucaultiano sobre biopolítica (FOUCAULT, 2008), a fim de examinar as práticas de controle, abandono e gestão das populações vulneráveis, evidenciando as relações entre poder, saúde e desigualdade social.

O segundo eixo constituiu a análise estético-interpretativa da série pictórica produzida no âmbito da pesquisa. Essa etapa foi orientada pela leitura iconológica, conforme proposta por Panofsky (1992), considerando os níveis pré-iconográfico e iconográfico das imagens. Dialogou-se, ainda, com as contribuições de Didi-Huberman, que enfatiza a potência crítica das imagens enquanto dispositivos de memória e ruptura temporal. A análise contemplou elementos como simbolismos visuais, gestualidade dos corpos, atmosferas cromáticas e tensões compositivas, compreendendo cada obra como unidade narrativa e analítica.

O terceiro eixo refere-se à análise formativo-pedagógica, ancorada na perspectiva histórico-crítica da educação. Nessa etapa, buscou-se compreender o potencial das obras artísticas enquanto tecnologias educativas capazes de mobilizar empatia, pensamento crítico e consciência histórica no campo da saúde. Para tanto, dialogou-se com Saviani (2000), no que se refere à centralidade da historicidade no processo educativo, e com Freire (2005), especialmente quanto à dimensão emancipatória da educação a partir da experiência vivida.

3.4. Limites do método

Os limites do método adotado decorrem das escolhas epistemológicas, teóricas e políticas que orientam esta pesquisa. Por tratar-se de um estudo qualitativo, de natureza histórico-documental e artístico-formativa, seus resultados não se destinam à generalização estatística, mas à produção de compreensões situadas, críticas e formativas sobre os fenômenos analisados. Posto isto, a validade do estudo está associada à coerência interna do percurso metodológico, à consistência teórica das análises e à explicitação dos pressupostos que sustentam as interpretações produzidas.

A investigação baseada na arte assume a dimensão interpretativa como constitutiva do processo de produção do conhecimento. As leituras simbólicas das obras pictóricas são, portanto, atravessadas por mediações históricas, culturais e subjetivas, o que exige o reconhecimento da implicação estética, ética e política do pesquisador diante do objeto investigado. Essa implicação torna-se particularmente sensível ao tratar de imagens vinculadas a experiências históricas de sofrimento, exclusão social e silenciamento. Tal condição não é negada, mas assumida como limite metodológico, sendo tensionada pela ancoragem nos referenciais teóricos e pela contextualização histórica.

Outro limite refere-se à mediação estética como forma de acesso ao conhecimento histórico. A linguagem pictórica funciona por síntese, metáfora e produção de experiências sensíveis, não tendo como finalidade a representação literal dos acontecimentos. Assim, determinados aspectos da realidade histórica podem ser enfatizados ou atenuados em função das escolhas narrativas e compositivas, o que exige do leitor uma postura crítica diante das obras, compreendendo-as como construções interpretativas.

A pesquisa também enfrenta limites inerentes ao uso de fontes históricas do século XIX, marcadas por lacunas documentais, silenciamento institucional e vieses de produção, sobretudo no que se refere às populações subalternizadas. Esses vazios não são tratados como falhas, mas como dados analíticos relevantes, pois evidenciam os próprios mecanismos de exclusão e apagamento que estruturaram a história da saúde pública no período analisado.

Por fim, o potencial pedagógico das obras produzidas é examinado de forma teórico-interpretativa, sem a realização de intervenções empíricas em contextos educativos formais. Essa delimitação não compromete os objetivos do estudo, mas indica

a necessidade de investigações futuras que explorem a aplicação das produções artísticas em práticas formativas concretas, especialmente nos campos da formação em saúde.

4. RESULTADOS

As discussões desenvolvidas nas seções anteriores materializam a concepção do produto técnico apresentado neste capítulo. A série pictórica resulta da articulação entre pesquisa histórica, reflexão teórica sobre memória coletiva e prática artística, configurando-se como tradução visual dos debates sobre esquecimento institucionalizado, saúde coletiva e educação patrimonial.

As obras apresentadas nesta seção constituem os produtos estético-investigativos da pesquisa. Cabe esclarecer que os personagens, cenas e composições pictóricas não correspondem a representações documentais de indivíduos históricos específicos, mas a construções interpretativas fundamentadas em pesquisa histórica, iconográfica e documental. A elaboração das imagens também incorporou, de modo complementar, o uso de tecnologias de inteligência artificial como ferramenta de apoio ao processo criativo, especialmente nas fases de experimentação visual, composição preliminar e exploração de atmosferas, sem que isso implicasse a delegação da autoria ou da decisão estética final. A autoria das obras assume, portanto, um estatuto de ficcionalidade crítica, no qual a criação artística, mediada por recursos tecnológicos contemporâneos, funciona como síntese visual de experiências coletivas historicamente situadas. Esse procedimento não busca ilustrar o passado, mas interrogá-lo, ativando processos de reelaboração crítica do contexto histórico.

Ademais, o conjunto analítico da pesquisa foi estruturado a partir da análise de três composições: *Os Retirantes da Grande Seca*, *A Noite dos Mil Mortos* e *O Pedido e a Negação*. Cada obra constitui uma unidade narrativa que se integra ao conjunto concedendo sentido ao processo histórico. Elas representam cenas emblemáticas do período da Grande Seca de 1877–1879 e à epidemia de varíola e de suas consequências, buscando reconstituir visualmente a experiência dos sertanejos que migraram em massa para Fortaleza diante do colapso alimentar e sanitário que assolou o Ceará. O conjunto das pinturas expressa, por meio do gesto pictórico, elementos recorrentes do sofrimento, da resistência e da desigualdade que atravessaram o cotidiano dessas populações, conforme apontado pela historiografia especializada (REIS, 2005; VENÂNCIO, 2011).

Para a análise das obras, adotou-se o instrumento de mediação e análise crítica da imagem proposto por Franz (2016), que contempla dimensões biográfica, estética, histórico-antropológica, pedagógica e crítico-social. A aplicação dessa metodologia permitiu tratar as pinturas não apenas como produções estéticas, mas como registros de

conteúdos visuais capazes de vincular história e memória no campo da educação em saúde.

A interpretação das obras evidencia que a arte funciona aqui como uma mediadora capaz de expressar dimensões do trauma social que de forma recorrente escapam às narrativas historiográficas. Essa compreensão dialoga com autores que concebem a imagem como campo de produção de memória e de reflexão crítica. Para Didi-Huberman (2012), a imagem não apenas mostra, mas convoca, porque reinscreve ausências e interpela o espectador. Já Benjamin (1994) destaca que o testemunho visual possui a potência de interromper o esquecimento, fazendo emergir histórias silenciadas no interior da sociedade. A série pictórica organiza uma narrativa visual centrada em experiências coletivas de sofrimento, resistência e abandono institucional.

A análise do material visual produzido evidencia que a pesquisa se fundamenta em uma abordagem interdisciplinar, na qual história, produção estética e práticas educativas se articulam de modo indissociável. Essa integração delineia um percurso investigativo que converte as linguagens historiográfica, visual e pedagógica em dispositivos críticos para a formação em educação e saúde, ampliando as possibilidades de compreensão dos processos históricos e de cuidado. Tal perspectiva encontra respaldo em Burke (2004), ao destacar a centralidade da cultura visual na interpretação dos fenômenos históricos, bem como em Barone e Eisner (2012), que reconhecem a arte como forma legítima e rigorosa de produção de conhecimento no âmbito da pesquisa acadêmica.

No âmbito educacional, os resultados evidenciam que as telas constituem e fomentam a reflexão ética e tensionam as desigualdades estruturais. As obras permitem aos espectadores experimentar uma aproximação estética das condições de vida dos retirantes, favorecendo processos formativos que se alinham às pedagogias críticas. Freire (1996) já sinalizava que a educação deve provocar consciência e ação transformadora; nessa direção, Giroux (1997) argumenta que práticas pedagógicas estéticas e reflexivas contribuem para formar sujeitos críticos diante das injustiças sociais.

A arte como estratégia formativa dialoga com estudos da educação em saúde que defendem abordagens humanizadoras e interdisciplinares (CAMPOS, 2000; MERHY, 2002). A série pictórica apresentada, ao revelar a dureza das vivências sertanejas e as contradições das políticas sanitárias da época, oferece suporte para práticas educativas que relacionam passado e presente, evidenciando como desigualdade, doença e poder continuam se entrelaçando no cotidiano brasileiro.

As descobertas indicam que a representação visual das três cenas que traduzem a migração forçada, a intensificação da mortalidade e a negação do cuidado, funciona como ferramenta para compreensão ampliada do processo saúde-doença, contribuindo para uma formação crítica e socialmente situada no campo da saúde e educação.

As obras materializam o abandono e a vulnerabilidade, transformando a dor coletiva em narrativa estética e pedagógica. A composição pictórica articula elementos históricos e iconográficos próprios do Nordeste oitocentista, dialogando com tradições visuais de forte intensidade emocional, como o barroco e o realismo social. Ao convocar o espectador para uma leitura da exclusão, da fome e da peregrinação, as telas revelam a arte enquanto linguagem capaz de expor contradições estruturais e ampliar o debate sobre saúde e injustiça social (EISNER,2002).

A série, expressa em óleo sobre tela no formato 70cm × 100cm, apresenta rigor técnico e coerência imagética, evidenciada principalmente na escolha cromática predominantemente sépia. Tal recurso reforça a aridez do sertão, a escassez vital e o sentimento de desamparo que perpassou a experiência dos retirantes. A influência do realismo se destaca na representação corporal e expressiva das figuras humanas, enquanto ecos do barroco emergem na dramatização das cenas, na profundidade emocional e no diálogo entre luz e sombra. Esses elementos constroem um ambiente sensorial que vislumbra aproximar passado e presente, tornando visível a memória inscrita no corpo coletivo nordestino, em consonância com Alencar (2012) e Silva (2003).

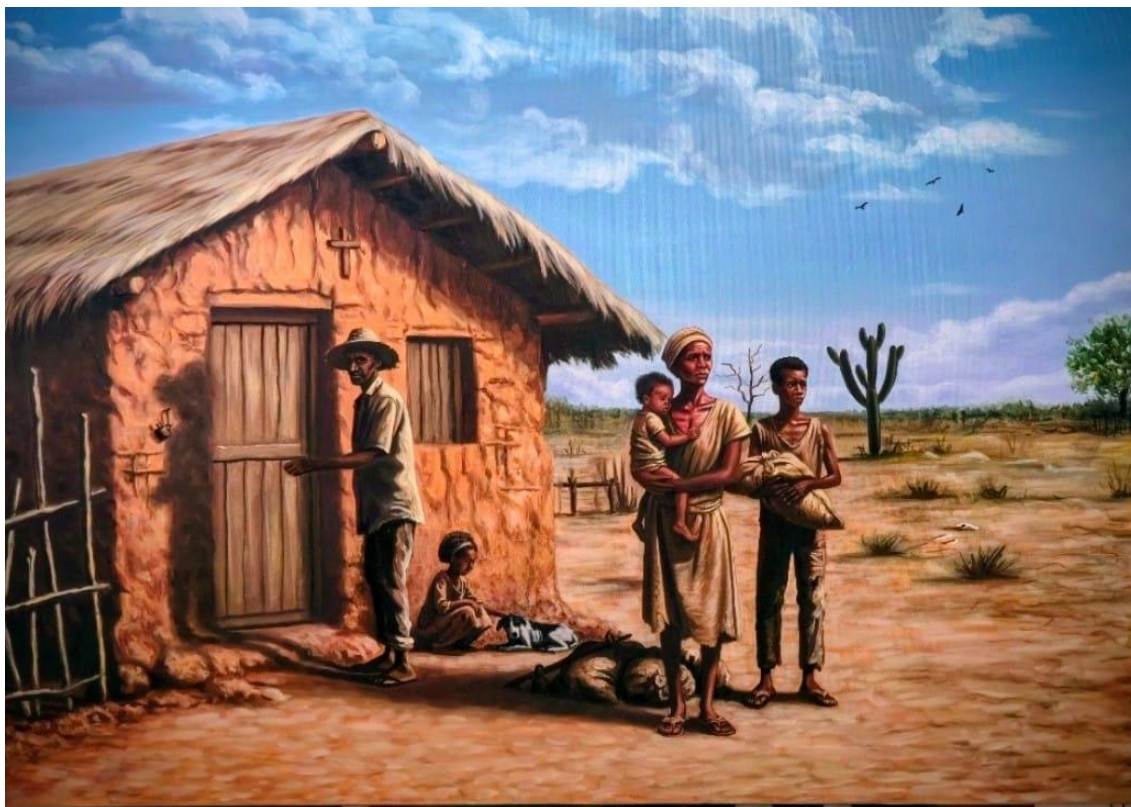
A leitura estética torna possível aprofundar a compreensão de cada tela como fragmento simbólico de uma narrativa maior. O primeiro movimento analítico recai sobre a tela “Os Retirantes da Grande Seca”, que inaugura a série ao retratar o início da travessia sertaneja. É nesse ponto que história e imagem convergem de maneira mais evidente, permitindo examinar como a migração forçada é transposta para a superfície pictórica. A seção que segue, portanto, dedica-se a interpretar essa obra inicial, destacando seus arranjos compositivos, signos e sentidos socioculturais que iluminam o percurso daqueles que deixaram o sertão em busca de sobrevivência.

Após o percurso inicial dos retirantes, a segunda obra da série desloca o olhar para o ápice da mortalidade, a “Noite dos Mil Mortos”, momento em que fome, doença e abandono convergiram em uma catástrofe coletiva cujo impacto permanece obscuro. A tela representa não apenas o colapso físico dos corpos, mas sobretudo a falência das políticas públicas que deveriam ampará-los, evidenciando o caráter biopolítico do evento enquanto gestão sobre a vida e a morte.

Por fim, a terceira tela da série, “O Pedido e a Negação”, desloca o foco da morte para o conflito ético que atravessou a crise com a negação do direito ao cuidado e sua recusa enquanto política. Aqui, a narrativa cristaliza o momento em que retirantes suplicam por assistência, alimento e vacina, mas encontram portas fechadas, protocolos excludentes e autoridades que administram a vida pela omissão. Essa obra visa sintetizar, portanto, o drama social de uma população que, ao buscar sobrevivência, encontrou a marginalização.

4.1. Os retirantes da Grande Seca

A etapa inicial da série pictórica é dedicada a ilustrar a trajetória de famílias sertanejas durante a Grande Seca e a epidemia de varíola no início do século XX, utilizando uma abordagem interdisciplinar que articula história social e pintura artística como ferramentas pedagógicas para o ensino em saúde. Tal articulação busca sensibilizar e fomentar uma formação crítica em profissionais da área da saúde, ao recuperar dimensões humanas e sociais da tragédia (SILVA, 2003).



PEREIRA, Ernane. *Os Retirantes da Grande Seca*. 2025. 1 original de arte, óleo sobre tela, 70 x100 cm. Fortaleza-Brasil.

A Grande Seca pode ser considerada uma das maiores catástrofes climáticas registrada no Nordeste brasileiro, que afetou drasticamente a vida de mais de 500 mil

peças que foram forçadas a deixar suas terras buscando sobrevivência em cidades com maiores recursos. No Ceará, em especial, Fortaleza foi um dos principais destinos dos retirantes (REIS, 2005; CARDOSO, 2011). A pintura representa simbolicamente este momento de partida, marcado por perdas materiais e afetivas, deslocamentos e o início de uma longa jornada de sofrimento e resistência.

Essa obra funciona como um documento histórico que apresenta uma narrativa integrando elementos da história do Nordeste e da estética barroca. Assim, ela se apresenta como uma ferramenta pedagógica, capaz de provocar reflexões acerca dos impactos sociais da exclusão, da migração forçada e da perda, valorizando a arte como mediadora de saberes no ensino em saúde (EISNER, 2002).

4.1.1. Análise pictórica

A pintura intitulada *Os Retirantes da Grande Seca* representa simbolicamente o momento da partida das famílias sertanejas expulsas pela severa estiagem que assolou o Ceará entre 1877 e 1879, inaugurando uma travessia coletiva que se expressa, na composição pictórica, por meio da repetição de figuras em deslocamento e da tensão entre permanência e partida. A obra articula narrativa visual e histórica, convertendo-se em importante estratégia para reflexão crítica acerca das consequências sociais da seca e suas repercussões na saúde pública.

As reflexões teóricas desenvolvidas encontram, neste momento, sua operacionalização por meio da pedagogia da memória, aqui assumida como categoria analítica da pesquisa. Fundamentada na compreensão da memória como construção social (HALBWACHS, 2006) e como campo de disputas simbólicas inscritas nos processos históricos (NORA, 1993), na perspectiva de orientar a leitura das produções pictóricas e das experiências formativas desenvolvidas. Tal abordagem permite analisar como imagens, narrativas visuais e processos pedagógicos podem reativar contextos marginalizados, produzir consciência histórica e mobilizar posicionamentos críticos no campo da saúde e da educação, compreendendo a arte como forma de conhecimento (EISNER, 2002).

Sob o prisma das artes plásticas, a composição pictórica evidencia influências do realismo barroco, demonstradas por um comprometimento estético com a representação da experiência histórica, conforme proposto por autores como Bergamini Junior (2024). A paleta cromática, dominada por tons sépia, ocres e terrosos, evoca a aridez não apenas física, mas também moral e social enfrentada pelos retirantes, imprimindo uma atmosfera

de abandono e melancolia que reforça a carga emotiva e simbólica da composição (Alencar, 2012; Silva, 2003).

O arranjo compositivo centraliza uma família de cinco pessoas, conduzindo o olhar do espectador desde o sertão árido rumo ao horizonte urbano impreciso. A figura masculina, fecha a porta da casa de taipa, gesto simbólico que manifesta ruptura territorial e perda de identidade regional, marca do encerramento de um ciclo vital e início do deslocamento (Dantas, 2025). O adolescente fita os olhos no horizonte enquanto segura o saco de viagem nas mãos. A criança e o cão, ilustrados em estados de vulnerabilidade física e emocional, ampliam o tenor dramático da cena, lembrando que o sofrimento atinge não apenas os humanos, mas todos os seres que compartilham aquele ambiente (Eisner, 2002).

A textura do solo árido ultrapassa a representação literal da seca, sugerindo também a fragmentação social e psíquica que acometeu aqueles sujeitos, em uma analogia visual e simbólica da terra rachada que desestrutura suas vidas. A ausência de vegetação, combinada ao voo simbólico de aves, sugere abandono e insegurança no caminho adiante. Elementos como o crucifixo e a lamparina na parede desempenham papel simbólico de fé e resistência espiritual, sustentando os indivíduos perante a adversidade extrema, conforme destacado por Franz (2016) e Campos (2000).

Do ponto de vista sociocultural e ético, se consolida como dispositivo pedagógico ao representar visualmente a exclusão e a ruptura vivida pelos retirantes, ao mesmo tempo em que convoca o observador a refletir criticamente sobre contextos históricos e contemporâneos de desigualdade. A leitura estética, quando situada em processos educativos, permite que a imagem funcione como mediadora, acionando sensibilidades e instaurando espaços de escuta. Nesse contexto, o pensamento de Franz (2016) contribui como referencial teórico ao compreender a arte como prática capaz de gerar deslocamentos de percepção e promover consciência crítica. A ausência deliberada de instituições, autoridades e aparatos estatais na cena reforça visualmente o abandono político que marcou a travessia dos retirantes, transformando a composição em alerta histórico e em espelho das desigualdades estruturais que permanecem atravessando o Brasil.

A intensidade luminosa incide sobre os corpos expondo suas condições precárias e fragilizando ainda mais suas figuras, enquanto o horizonte azul difuso sugere uma esperança longínqua e quase mítica. Essa dualidade visual entre o sofrimento presente e a futura promessa de sobrevivência enfatiza a complexidade emocional da obra, situando-

a em diálogo com a tradição da pintura narrativa oitocentista de artistas como Cândido Portinari, cuja produção conjuga rigor estético e engajamento social (Didi-Huberman, 2012).

Em síntese, a obra funciona como arquivo histórico, ao inscrever-se como recurso de educação patrimonial capaz de mobilizar a memória coletiva, estimular leituras críticas da história social da saúde, sensíveis e comprometidos com a justiça social no Nordeste brasileiro. A obra transfigura o sofrimento em instrumento de aprendizagem crítica, mobilizando consciências para novas formas de cuidado e solidariedade presentes. Dialoga ainda com as ideias de memória coletiva de Halbwachs (2006), articulando arte, história e educação como estratégias para a promoção da justiça e cuidado em saúde.

4.1.2. Contribuições para o ensino em saúde

A pintura *Os Retirantes da Grande Seca*, enquanto parte constitutiva do produto técnico, revela-se um recurso de elevado potencial formativo para o ensino em saúde. A composição pictórica, ancorada em acontecimentos históricos concretos, permite compreender como desastres ambientais, fome e epidemias reverberam na saúde coletiva de uma população fragilizada. Ao resgatar a calamidade de 1877–1879, a obra promove a leitura sóciohistórica do adoecimento, evidenciando que processos sanitários não podem ser dissociados das estruturas de poder, das desigualdades territoriais e da falta de assistência pública, aspectos sublinhados por Alencar (2012) e Reis (2005) ao refletirem sobre o período.

Sob esse prisma a arte se apresenta como tecnologia educativa, não apenas ilustrativa, mas epistemológica: ela produz conhecimento ao provocar deslocamentos perceptivos, despertar empatia e instigar reflexão crítica. Sua dimensão sensível expande a racionalidade biomédica tradicional, permitindo aos estudantes pensar o cuidado a partir de sujeitos concretos. Como defende Eisner (2002), a experiência estética amplia modos de perceber o mundo e, quando articulada ao ensino, abre espaço para aprendizagens que tocam a consciência ética. A pintura, portanto, materializa-se como disparadora de diálogo formativo sobre os determinantes sociais da saúde, o papel do Estado e os limites da intervenção sanitária.

A migração forçada representada na obra torna-se, assim, uma chave pedagógica que convoca discussões sobre pobreza, resiliência, exclusão e sobrevivência em contextos de colapso socioeconômico. Estudos como os de Freire (1996) mostram que a educação crítica nasce do encontro entre realidade e problematização. O deslocamento em direção

aos abarracamentos de Fortaleza espelha trajetórias de desamparo que seguem atuais em distintos territórios brasileiros, permitindo que a análise da obra seja também análise do presente.

Como ferramenta didática, a pintura histórica pode ser utilizada em rodas de conversa, planos de aula, oficinas de sensibilidade e práticas integrativas, operando como imagem-problema que provoca perguntas, tensiona certezas e estimula a leitura ética do cuidado. Seu uso em sala de aula favorece a construção de pontes entre história, arte e saúde coletiva, consolidando a obra como ferramenta transdisciplinar para pensar vulnerabilidade e cuidado integral.

4.2. A noite dos mil mortos



PEREIRA, Ernane. *A Noite dos Mil Mortos*. 2026. 1 original de arte, óleo sobre tela, 70 x 100 cm. Fortaleza-Brasil.

A obra corresponde ao segundo e mais dramático momento da série pictórica, representando o auge do colapso sanitário vivido por retirantes que, ao chegarem a Fortaleza no contexto da epidemia de varíola de 1878, encontraram abarracamentos superlotados, miséria e morte. A imagem desempenha um recurso pedagógico potente para o ensino em saúde, ao propor reflexão sobre negligência estatal, luto coletivo e preservação da memória histórica (MELLO, 1993; REIS, 2005; ALENCAR, 2012).

A criação da tela nasceu de uma inquietação presente ao longo da pesquisa, vislumbrando representar uma catástrofe humana sem transformá-la em espetáculo visual a fim de converter a pintura em instrumento crítico de formação. O estudo sobre a epidemia revelou um cenário de abandono que não cabia apenas nos registros estatísticos: corpos empilhados e cemitérios incapazes de realizar sepultamentos.

Nesse percurso, a pintura assumiu lugar de mediação entre passado e presente, entre experiência estética e educação em saúde. O trabalho não buscou ilustrar o evento, mas sustentar seu peso simbólico. Os dados históricos forneciam números, mapas e datas; porém, foram os relatos de sofrimento de retirantes que morriam às portas da cidade que constituíram a materialidade da obra. O processo criativo exigiu uma ética do olhar: pintar não para estetizar a miséria, mas para restaurar dignidade e voz aos silenciados.

Como ferramenta pedagógica, a obra convoca escuta, reflexão e empatia. Ao ser mobilizada em práticas educativas, promove problematização sobre determinantes sociais da saúde, negligência estrutural, luto coletivo e justiça sanitária (Eisner, 2002; Mello, 1993). Ao visibilizar essa história silenciada, cumpre função ética e formativa, alinhando-se ao propósito da pesquisa: construir uma pedagogia da memória capaz de articular arte, saúde e história para formar profissionais sensíveis, conscientes e socialmente comprometidos.

4.2.1. Análise pictórica

O título da obra carrega um duplo significado: representa a memória e a metáfora. “Noite” simboliza o tempo da negação, o momento em que o Estado permanece inerte diante da dor do povo. “Mil mortos” não corresponde a uma contagem exata, mas expressa o peso incalculável da perda coletiva (DANTAS, 2025).

A composição visual, marcada pelas expressões de desespero iluminadas pelos candeeiros e os reflexos lunares ao fundo, revela não apenas a dimensão sanitária da crise, mas também expõe o fracasso das políticas públicas em assegurar proteção às populações socialmente vulnerabilizadas. Expressa uma ressurreição simbólica de um passado doloroso, muitas vezes negligenciado, configurando-se como uma ferramenta pedagógica capaz de despertar emoções coletivas ligadas ao luto e à denúncia social.

A luz amarelada e difusa emitida pelas velas, presentes na composição, remete ao ritual coletivo de despedida: o “velório da cidade”, em que a humanidade tenta resistir à escuridão da calamidade. O uso das cores terrosas, vermelhos ocres, cinzas e sombras

reforça a atmosfera trágica e sublime da pintura, cuja estética não busca a beleza clássica, mas a beleza ética que emerge de uma experiência de empatia e uma pedagogia da compaixão visual (DIDI-HUBERMAN, 2012; EISNER, 2002).

A tela simboliza o trauma coletivo e o luto não elaborado que permeiam a experiência dos retirantes. A multiplicidade de corpos sugere uma perda que transcende o indivíduo, alcançando o inconsciente social (KAËS, 1999). A representação do homem que cobre o rosto enquanto o filho morto encarna a culpa do sobrevivente e a impossibilidade de elaborar o luto diante da magnitude da tragédia, intensificada pela ausência de figuras institucionais na cena, o que reforça o sentimento de abandono (MELLO, 1993; FREIRE, 1996).

Essa obra evoca o sombrio contexto da epidemia inserida na Grande Seca, explorando a dimensão social da dor, a ausência de políticas públicas e o significado simbólico da morte como expressão de exclusão social. Aqui, a pintura se estabelece como um espaço pedagógico que articula memória, arte e cuidado, promovendo uma compreensão crítica e ampliada do impacto da tragédia (TEÓFILO, 1930; REIS, 2005).

O acúmulo de retirantes famintos e desassistidos criou um ambiente ideal para disseminação acelerada da varíola. Relatos historiográficos indicam que na noite de 10 de dezembro de 1878 morreram 1004 pessoas em Fortaleza, muitas recolhidas às pressas, empilhadas em carroças, enterradas em valas comuns ou deixadas temporariamente nas ruas acentuando os vestígios de um colapso sanitário e político. Ao ser transposta para a pintura, essa memória ganha densidade simbólica e pedagógica: não foi apenas o vírus que matou, mas a interseção brutal entre fome, miséria, negligência estatal e a omissão da gestão pública.

A imagem não apenas recorda, mas interpela. São figuras prostradas, rostos cobertos, corpos reduzidos à paisagem capazes de produzir uma pedagogia de indignação, que desloca o espectador do lugar confortável de observador e o convoca como testemunha histórica. Ao expor a desumanização extrema daqueles que morreram sem assistência, a pintura também critica a naturalização da morte dos pobres, fenômeno que se repete na atualidade, em pandemias, episódios de fome, violência urbana e abandono de populações vulneráveis.

Destacam-se figuras em colapso emocional, sugerindo um luto coletivo que ultrapassa a possibilidade de elaboração. A escuridão dilui contornos e identidades, convertendo os corpos em presença anônima. A cruz central erguida no campo pictórico cumpre dupla função: marca a finitude e denuncia a fragilidade das instituições diante da

catástrofe. Cada elemento da composição opera como vestígio e testemunho, revelando não apenas o fato histórico, mas seu impacto simbólico, ético e sanitário.

Rostos e corpos que se fundem ao solo comunicam o colapso da identidade humana diante da negligência pública. A tela busca elaborar simbolicamente a realidade. Trata-se de uma imagem que fala onde palavras falham, que tensiona, denuncia e convoca.

A cor domina o discurso visual: tons terrosos e cinzentos misturam-se ao vermelho ocre, evocando o calor da seca e o frio da morte. O horizonte desvela a profundidade e alastramento do drama. A linha de fuga, dissolve a perspectiva numa névoa de fumaça, transformando o espaço em campo de luto e transcendência. No centro da composição, está a família de retirantes, onde se destaca o corpo da mãe febril abraçada à criança morta, sintetizando a iconografia da dor universal, uma “Pietà sertaneja”, símbolo da maternidade diante do impossível.

Na composição, a noite se adensa como organismo vivo. Ocre, marrons e negros dissolvem-se em azul difuso, sugerindo um tempo suspenso entre vida e morte. Não se trata de representar cadáveres, mas de provocar no espectador o impacto sensível de um passado que ainda reverbera. Dor coletiva, omissão estatal e abandono compõem a chave de leitura da epidemia no contexto da Grande Seca.

Ao revelar a incapacidade dos cemitérios e a improvisação de sepulturas iluminadas por lamparinas, a obra rememora o episódio conhecido como *O dia Noite dos Mil Mortos* (Teófilo, 1930; Reis, 2005), denunciando o desleixo das políticas públicas relativo as populações vulneráveis. Corpos caídos, gestos desesperados e incêndios ao fundo testemunham a dimensão sanitária e humana da tragédia (Dantas, 2025), transformando a pintura em documento visual que preserva o que a memória institucional muitas vezes apaga.

A obra funciona também como ato de denúncia histórica. De forma que a arte se torna reflexão educativa e afirma um ensino em saúde e educação crítico, sensível e historicamente situado. Este recorte revela uma forma de dar corporeidade ao que a história oficial frequentemente silencia.

A estética da obra não busca o belo no sentido clássico, mas o sublime ético, a beleza trágica que emerge da resistência e do gesto de recordar. Essa escolha plástica reflete o propósito de fazer da pintura uma experiência de empatia, instaurando uma pedagogia de compaixão visual. Esse contexto revela um colapso sanitário extremo, com retirantes confinados em espaços insalubres e superlotados, vítimas da fome e das

doenças. A pintura não apenas documenta esse momento, mas o transforma em um gesto ético de memória, denunciando a política da morte e a biopolítica de exclusão historicamente praticada contra as populações pobres (FOUCAULT, 2008).

No plano simbólico, a obra tensiona a relação entre memória e esquecimento, questionando quais dores são lembradas e quais são silenciadas. Em diálogo com Didi-Huberman (2012), compreende-se que olhar para o sofrimento é resistir ao esquecimento, e cada pincelada torna-se um ato de afirmação da memória de tantas pessoas naquele contexto. A multiplicidade dos corpos, anônimos e indistintos, simboliza o trauma social coletivo que transcende o indivíduo e denuncia desigualdades históricas persistentes.

Assim, a obra *A Noite dos Mil Mortos* reafirma a importância da arte no ensino em saúde, que deve buscar sua dimensão sensível e comunitária para reconhecer as feridas históricas, resgatar vínculos sociais e promover a justiça pública. A obra constitui um convite para o diálogo ativo com o passado, prevenindo a repetição das injustiças e fortalecendo o compromisso com a vida digna e o cuidado solidário.

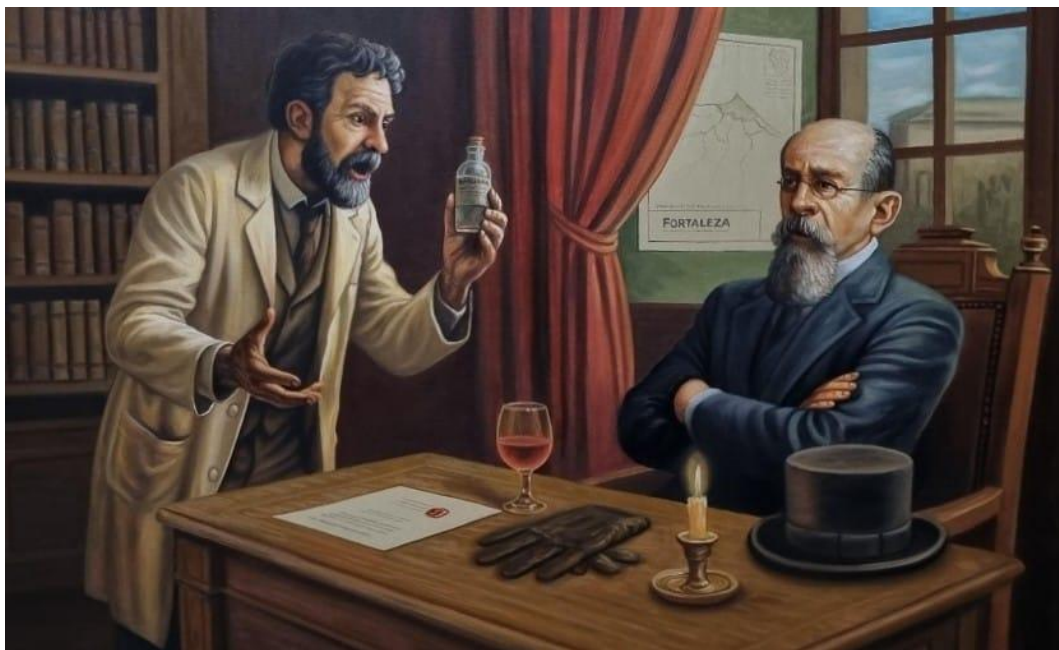
4.2.2. Contribuições para o ensino em saúde

A pintura se revela um instrumento para a reflexão pedagógica no campo da saúde coletiva, ao possibilitar o exame crítico das consequências da negligência sanitária e da omissão estatal sobre populações vulneráveis. A obra instrumentaliza uma discussão fundamentada nas falhas das políticas públicas que culminaram em tragédias evitáveis, promovendo uma consciência ética e política necessária à formação dos profissionais de saúde (CAMPOS, 2000; MIRANDA, 2007; ALENCAR, 2012).

Além disso, essa peça de arte atua como tecnologia educativa, capaz de estimular a consciência crítica mediante uma linguagem visual carregada de simbolismos que despertam o diálogo sobre a exclusão social, o sofrimento coletivo e a responsabilidade histórica (EISNER, 2002; CAMPOS, 2000).

A obra permite ainda abordar o luto coletivo e os impactos psíquicos decorrentes das tragédias em massa, enfatizando a importância da escuta e do acolhimento humanizado na área da saúde. Ao valorizar a memória histórica como ferramenta pedagógica, o ensino se expande para além do conteúdo técnico, incorporando dimensões subjetivas e socioculturais que fortalecem a formação socialmente comprometida dos futuros profissionais da saúde (DANTAS, 2025; FREIRE, 1996).

4.3. O pedido e a Negação



PEREIRA, Ernane. *O Pedido e a Negação*. 2025. 1 original de arte, óleo sobre tela, 70 x100 cm. Fortaleza-Brasil.

A tela representa um episódio emblemático da história da saúde pública no Ceará: o embate entre o farmacêutico e sanitarista Rodolfo Teófilo e o Governador do Estado Nogueira Acioly, que resistia à vacinação obrigatória contra a epidemia de varíola no início do século XX. Esta composição é utilizada como recurso pedagógico para problematizar os conflitos entre ciência, política e ética no campo da saúde coletiva (ALENCAR, 2012).

A epidemia de varíola que assolou o Ceará no final do século XIX e início do século XX foi exacerbada pela negligência das autoridades provinciais. Frente à omissão estatal, Rodolfo Teófilo iniciou uma campanha de vacinação independente, produzindo artesanalmente o imunizante e aplicando-o gratuitamente à população, assumindo um papel pioneiro na defesa da saúde pública (TEÓFILO, 1930; REIS, 2005; BERGAMINI JUNIOR, 2024). A tela evoca a tensão entre cientificidade e interesses políticos, representada pelo gesto vibrante de Teófilo e a postura defensiva de Nogueira Acioly.

Elementos visuais como o frasco de vacina, o mapa de Fortaleza e documentos oficiais ampliam a compreensão do contexto institucional e geográfico da disputa. A composição evidencia as assimetrias de poder e a resistência enfrentada pelas propostas inovadoras em saúde pública. A obra visa transcender o valor estético, funcionando como potente instrumento pedagógico que convida à reflexão sobre os limites da ciência,

barreiras políticas e a urgência da ética na gestão da saúde coletiva (EISNER, 2002; FREIRE, 1996).

4.3.1. Análise pictórica

A análise revela uma composição dramaticamente estruturada, com clara influência do realismo histórico e da pintura narrativa. O cenário interno, repleto de objetos simbólicos, como o frasco de vacina, a vela acesa, os livros e o mapa de Fortaleza, delimita um ambiente de conhecimento e ciência. O uso contrastante da luz destaca Rodolfo Teófilo como símbolo da razão e esperança, enquanto o Governador Nogueira Acioly permanece parcialmente na sombra, representando resistência e conservadorismo.

As expressões e gestos corporais dos personagens reforçam seus posicionamentos. Teófilo exhibe entusiasmo e senso de urgência, contrapondo-se ao ceticismo e contenção do governante, retratando um embate ético e político intenso. A paleta de cores quentes e terrosas reforça o clima de seriedade e tensão, evocando tanto o calor do sertão quanto a gravidade da crise sanitária.

O sanitarista, movido pelo compromisso de salvar vidas, enfrenta resistência institucional que nega a urgência do sofrimento coletivo. A vela simboliza a consciência iluminada, enquanto o frasco representa a esperança na cura. A postura defensiva de Acioly, com braços cruzados, sugere a negação e recusa em reconhecer a dor alheia. O ambiente fechado simboliza o palco das disputas entre ética e poder.

Essa análise fundamenta-se na metodologia proposta por Franz (2016), que compreende a leitura da imagem a partir de cinco âmbitos articulados. O âmbito biográfico considera a trajetória histórica e simbólica dos sujeitos representados; o estético analisa os elementos formais da composição, como luz, cor, gestualidade e organização espacial; o histórico-antropológico situa a obra no contexto sociopolítico da Grande Seca e das epidemias que marcaram o período; o crítico-social problematiza as relações de poder e os impactos coletivos das decisões políticas; e o pedagógico reconhece a pintura como dispositivo formativo, capaz de suscitar reflexão ética e crítica.

A obra explicita simbolicamente o conflito entre dois modos de compreender o poder: um de caráter hierárquico, político e resistente à mudança, e outro ancorado no saber científico e nas práticas do cuidado e da solidariedade. Essa tensão, embora historicamente situada, reverbera na contemporaneidade, na medida em que decisões políticas continuam a interferir de forma significativa na gestão das crises sanitárias.

A composição segue o modelo clássico da pintura histórica, com inspiração em Delacroix, Meissonier e Pedro Américo, reinterpretada em linguagem própria. A cena organiza-se em eixo diagonal: à esquerda Teófilo, em pé, segura o frasco da vacina; à direita, o governante sentado e parcialmente na sombra. A luz incide sobre o médico, símbolo do conhecimento e da razão iluminista, enquanto o governante permanece na penumbra, simbolizando hesitação política. Elementos como o mapa, cortinas vermelhas e a vela definem um clima austero de gabinete de poder.

Sob a perspectiva histórica, a epidemia de varíola atingiu o Ceará de forma recorrente, em um contexto marcado por seca, pobreza e intensos fluxos migratórios. Rodolfo Teófilo, diante da inércia governamental, empreendeu uma campanha autônoma de vacinação, enfrentando censura, perseguições e a ausência de apoio oficial. A pintura sintetiza esse embate entre o imperativo ético do conhecimento científico e a morosidade do poder político.

O Pedido e a Negação representa o clamor pela vida em contraposição à negação das estruturas que historicamente subjagam o cuidado à saúde. A ausência do povo na cena encontra-se fora do quadro, como um teatro isolado onde decisões distantes determinam o sofrimento coletivo, reforçando a distância entre governança e realidade social.

O título sintetiza um dilema recorrente na história da saúde pública: a tensão entre o saber científico e os interesses políticos, cujos desdobramentos podem ser observados, em chave contemporânea, na pandemia de COVID-19. Entre 2020 e 2023, o Brasil registrou mais de 700 mil óbitos associados à doença, configurando-se como um dos países mais impactados pela pandemia no cenário mundial, em um contexto marcado por desigualdades regionais, controvérsias políticas e desafios na coordenação das respostas sanitárias (SILVA et al., 2024). No Estado do Ceará, desde a confirmação dos primeiros casos em março de 2020, foram contabilizados mais de 1,4 milhão de casos e dezenas de milhares de mortes, com forte concentração no município de Fortaleza, evidenciando a sobrecarga do sistema de saúde e as disputas em torno das estratégias de enfrentamento da crise (FARIAS, 2023). A obra não se orienta pela condenação individual, mas pela problematização de uma estrutura histórica de omissão e exclusão, presente tanto no episódio da varíola quanto nas respostas contemporâneas à COVID-19. Assim, o gesto pictórico surge como denúncia da recorrência dessas dinâmicas, convidando à reflexão crítica e ética sobre a articulação entre ciência, poder e cuidado.

Rodolfo Teófilo simboliza o esforço para romper o ciclo de silêncio e submissão. Conforme Franz (2016), a arte, ao se constituir como espaço de reflexão sociocultural, converte-se em instrumento didático poderoso. Assim, a pintura, torna-se não apenas uma reconstrução histórica, mas um ato de memória e resistência ética, unindo arte, história e saúde para iluminar dilemas contemporâneos.

4.3.2. Contribuições para o ensino em saúde

A obra *O Pedido e a Negação* oferece importantes possibilidades de aplicação pedagógica no campo da saúde coletiva, especialmente no que tange à ética, à história da medicina e à educação crítica.

A obra permite a discussão sobre autonomia científica e responsabilidade social, destacando Rodolfo Teófilo como modelo de protagonismo diante da omissão estatal. O seu compromisso com a vacinação contra a varíola, diante de uma gestão governamental resistente, suscita debates sobre o papel do profissional da saúde coletiva.

A pintura funciona dramatizando conceitos complexos por meio de uma linguagem simbólica, o que facilita a compreensão crítica e empática de estudantes e pesquisadores a respeito das tensões entre ciência e política. A imagem se revela capaz de ativar o pensamento crítico e sensibilizar emocionalmente, contribuindo para uma formação mais integrada e humana.

A obra possibilita contextualizar a compreensão dos desafios enfrentados pelos sanitaristas e dos conflitos entre ciência e poder político na saúde pública brasileira. Coloca-se como recurso para atividades interdisciplinares, que envolvam história, ética, políticas públicas e saúde coletiva, incentivando a apropriação crítica dos processos históricos que ainda impactam as decisões atuais.

Por fim, estimula a formação crítica dos profissionais diante das injustiças e negligências institucionais, promovendo reflexão sobre o papel destes atores nos mecanismos de resistência e transformação social. Dessa forma, a pintura configura-se como um instrumento pedagógico capaz de fomentar o debate, a consciência ética e a prática crítica na área da educação e saúde.

4.4. Produto Técnico

O produto técnico resultante desta pesquisa consiste na criação de um produto artístico-educacional composto por três pinturas em óleo sobre tela (70 x 100 cm), concebido como dispositivo formativo e investigativo capaz de articular memória

histórica, arte e ensino em saúde. A série estabelece um percurso narrativo contínuo que acompanha a experiência dos retirantes desde a ruptura com o território de origem até o enfrentamento da epidemia e o conflito político que determinou seus destinos.

A primeira obra, *Os Retirantes da Grande Seca*, marca o início da migração forçada das famílias sertanejas expulsas pela estiagem de 1877-1879. A pintura representa o momento da partida, revelando o drama humano diante da perda do chão natal, a devastação emocional gerada pela fome e a fragilidade dos laços sociais rompidos pela seca. Na sequência, a segunda pintura, *A Noite dos Mil Mortos*, recria visualmente o ápice da epidemia de varíola nos abarracamentos de Fortaleza, quando o colapso sanitário e a omissão estatal resultaram em mais de mil mortes em uma única noite. A narrativa artística recupera o luto coletivo, a impossibilidade de sepultamentos dignos e a atmosfera fúnebre que fez da cidade um cenário de morte pública. Por fim, a terceira obra, *O Pedido e a Negação*, representa o encontro entre Rodolfo Teófilo e o Governador do Estado, Nogueira Acioly em momento no qual o apelo pela vacinação foi recusado, tornando-se símbolo histórico do embate entre ciência, política e direito à vida. Se a primeira tela evoca a ruptura, a segunda representa a intensificação da mortalidade coletiva em decorrência do colapso sanitário, enquanto a terceira inscreve a resistência e a negação do cuidado como eixo estruturante da narrativa.

Cada pintura foi construída mediante pesquisa documental, textual e iconográfica, incorporando elementos simbólicos recorrentes: a paleta que transita do ocre da terra árida ao azul sombrio da peste; os corpos prostrados que sinalizam o abandono; os gestos rituais que evocam fé, luto e sobrevivência.

Embora a avaliação sistemática da recepção do produto não tenha sido realizada no âmbito desta pesquisa, sua natureza formativa fundamenta-se nos princípios da *Art-Based Research*, que reconhece a experiência estética, a reflexão crítica e o engajamento sensível como indicadores qualitativos de aprendizagem e produção de sentido (EISNER, 2002; SULLIVAN, 2010). Avaliações futuras poderão incorporar observação participante, registros reflexivos e devolutivas dos públicos envolvidos.

Assim, a série pictórica se afirma como tecnologia educacional em saúde: não apenas representa a história, mas interroga-a, convoca o espectador à reflexão ética e favorece a leitura crítica do passado e do presente. Ao transformar dor coletiva em linguagem visual, o produto surge como uma prática de justiça histórica, tornando a arte espaço de formação para a sensibilidade, o cuidado e a consciência social.

4.4.1. Impacto social

O impacto social deste produto técnico assenta na capacidade de recolocar historicamente a Grande Seca e a epidemia de varíola como componentes estruturais da formação em saúde, deslocando o olhar do campo estritamente biológico para uma compreensão ampliada dos determinantes sociais, sanitários e políticos. A presença de Rodolfo Teófilo, mobilizada no terceiro núcleo pictórico, adquire centralidade nesse processo. Ao produzir e distribuir vacinas mesmo diante da recusa institucional, o farmacêutico encarna uma ética de responsabilidade pública que ultrapassa a técnica científica e alcança o campo da justiça social. Sua atuação é expressão de uma luta coletiva pela vida que reverbera em debates contemporâneos sobre saúde pública, desinformação e negacionismo.

O produto contribui, assim, para reestabelecer o vínculo entre memória, ciência e cidadania. Ao provocar o espectador pela via sensível, ele confronta o apagamento histórico e rompe com a tendência de naturalizar a morte daqueles marginalizados, fenômeno reiterado em diferentes temporalidades: das valas comuns de 1878 aos leitos superlotados durante a COVID-19. A arte, nesse contexto, marca um campo crítico que devolve rosto, nome e dignidade aos sujeitos coletivamente esquecidos. Não se trata apenas de rememorar um passado trágico, mas de utilizá-lo como referência formativa para o presente, compreendendo a desigualdade como um sintoma estruturante da sociedade.

Ao integrar produção artística, investigação histórica e mediação pedagógica, este estudo propõe um dispositivo formativo que contribui para a construção de uma cultura de consciência crítica no campo da saúde pública. Seu impacto social manifesta-se na possibilidade de formar sujeitos capazes de reconhecer continuidades históricas, problematizar desigualdades persistentes e posicionar-se criticamente diante das formas históricas e contemporâneas de produção da desigualdade em saúde.

4.4.2. Memória histórica e direito à saúde coletiva

O produto técnico desenvolvido posiciona a memória histórica como elemento estruturante para a compreensão e a defesa do direito à saúde coletiva. Ao visitar a Grande Seca e a epidemia de varíola no Ceará, a série pictórica enfrenta os mecanismos de apagamento que, conforme assinala Nora (1993), atuam pela institucionalização do esquecimento, trazendo novamente ao debate experiências e sujeitos sistematicamente silenciados pela historiografia oficial.

A narrativa visual da família sertaneja constitui-se como um gesto de reparação simbólica, no qual a arte assume a função social de tornar visível aquilo que foi historicamente ocultado. Conforme propõe Didi-Huberman (2012), “fazer ver” implica convocar o espectador a confrontar ausências e lacunas. A série pictórica converte a memória em instrumento pedagógico ativo, capaz de produzir reflexão ética e consciente.

Rodolfo Teófilo emerge nesse contexto não como figura heroificada, mas como expressão de uma prática de cuidado que antecede concepções contemporâneas de saúde coletiva. Sua atuação em defesa da vacinação, amplamente registrada em sua própria produção escrita (TEÓFILO, 1904), se inscreve como gesto político-pedagógico, evidenciando que a saúde se constitui em um campo atravessado por disputas sociais.

Essa leitura dialoga diretamente com Campos (2000), ao compreender a saúde como território de decisões morais e políticas nas quais se definem, concretamente, as fronteiras entre cuidado e exclusão. Ao articular arte, história e mediação pedagógica, o produto potencializa aquilo que Freire (1996) concebe como leitura crítica do mundo, na medida em que as telas não apenas representam a realidade, mas a problematizam, convocando o espectador a refletir sobre as condições históricas que produzem sofrimento e desigualdade.

A sensibilização promovida pela linguagem artística, conforme argumenta Eisner (2002), mobiliza dimensões da empatia, da imaginação e da interpretação, competências fundamentais para uma formação em saúde que ultrapasse a dimensão técnica e se comprometa com processos de humanização do cuidado. Assim, a experiência estética torna-se mediadora de aprendizagem e de consciência social.

Por fim, o produto técnico, materializado na série pictórica, afirma-se como um recurso epistêmico que articula passado e presente de maneira crítica e transformadora. Sua relevância reside em demonstrar que a arte, ao resgatar imagens de sofrimento, resistência e negligência institucional, também atua como tecnologia educacional em saúde, ancorada na memória coletiva e na reflexão ética.

5. DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa são compreendidos para além de sua descrição empírica, exigindo interpretação à luz dos referenciais teóricos que sustentaram o percurso investigativo. Esta seção propõe aproximar os achados decorrentes do processo criativo desenvolvido no âmbito da *Art-Based Research*, abordagem que reconhece a produção artística como forma legítima de investigação e de geração de conhecimento, de modo a discutir o alcance formativo e educativo da obra produzida.

Ao considerar a série pictórica: *Seca, Fome e Epidemia*, na qual estão inseridas as três referidas obras, como um instrumento pedagógico, a discussão desloca o foco da obra enquanto objeto estético isolado para sua atuação como tecnologia sensível no ensino em saúde. Tal perspectiva permite problematizar o papel das imagens artísticas na mediação de memórias silenciadas, na mobilização de afetos e na promoção de leituras críticas sobre os determinantes sociais, históricos e políticos da saúde.

A análise organiza-se, portanto, em três movimentos complementares. Inicialmente, discute-se a série pictórica como experiência pedagógica, examinando seus potenciais formativos à luz das interações e mediações educativas possibilitadas pelo produto. Em seguida, são problematizados os desafios e limites observados em sua implementação, considerando aspectos pedagógicos, institucionais e materiais. Por fim, apontam-se possibilidades de expansão e institucionalização da proposta, tendo em vista sua adaptação a diferentes contextos formativos e linguagens educativas contemporâneas.

5.1. A obra como experiência pedagógica transformadora

Desde sua concepção, a série foi elaborada com o propósito de cada obra assumir a função formativa específica na articulação entre memória histórica, educação em saúde e crítica social. A circulação da série em diferentes espaços educativos evidenciou que as telas, mesmo quando apresentadas sem textos explicativos, suscitam processos interpretativos e afetivos capazes de estabelecer uma conexão sensível com o passado histórico e com seus desdobramentos no presente. Tal característica reforça o entendimento da arte como catalisadora de experiências formativas que integram cognição, emoção e reflexão crítica, conforme discutido por Eisner (2002).

A análise qualitativa das interações com os públicos permitiu identificar três eixos formativos recorrentes, diretamente associados a obras específicas da série, o que possibilitou compreender de que modo cada pintura representa. O primeiro eixo, relacionado à obra *A Fome* (Teófilo, 1890), refere-se ao reconhecimento da invisibilidade

histórica das populações pobres e sertanejas no contexto da Grande Seca de 1877–1879. As reações dos participantes revelaram surpresa diante da dimensão da tragédia representada e da centralidade da morte coletiva, frequentemente ausente dos livros didáticos. Essa percepção foi interpretada como expressão de um apagamento histórico, no qual determinadas experiências de sofrimento foram excluídas dos registros oficiais.

Essa leitura encontra respaldo na concepção de memória coletiva desenvolvida por Halbwachs (2006), segundo a qual é construída socialmente e condicionada pelos grupos, instituições e contextos históricos que definem o que deve ou não ser lembrado. Nesse sentido, *A Fome* atua como um recurso formativo que reinscreve no presente imagens historicamente marginalizadas e os limites do que foi legitimado como conhecimento histórico.

O segundo eixo formativo emerge a partir da obra e diz respeito ao papel da linguagem artística na educação em saúde, especialmente no que se refere à abordagem da morte em larga escala e da procrastinação das respostas sanitárias. A representação visual da epidemia produziu impacto significativo nos espectadores, favorecendo uma compreensão que ultrapassa a dimensão informativa e alcança o reconhecimento da experiência humana sobre o adoecimento e da perda.

Nesse contexto, a obra contribuiu para deslocar a compreensão da epidemia como evento exclusivamente biológico, situando-a no campo das desigualdades sociais, da negligência institucional e das decisões políticas. Tal perspectiva aproxima-se da noção de saúde como campo ético e socialmente situado, conforme discutido por Campos (2000), ao enfatizar que o cuidado em saúde envolve disputas sociopolíticas.

O terceiro eixo, vinculado à obra de Rodolfo Teófilo, concentra-se na problematização da ética do cuidado e da responsabilidade pública em saúde. A atuação do farmacêutico, ao produzir e distribuir vacinas em um contexto de recusa institucional, foi interpretada pelos participantes como expressão de uma prática sanitária comprometida com a vida.

A presença dessa obra favoreceu a reflexão sobre o papel dos sujeitos históricos na defesa do direito à saúde, sem recorrer a uma narrativa individualizante ou heróica. O papel histórico-político de Rodolfo Teófilo é compreendido como expressão de uma prática situada, atravessada por disputas sociais e institucionais, cuja atualidade se mantém nos debates contemporâneos sobre desinformação, negacionismo e responsabilidade estatal.

De forma articulada, os três eixos evidenciam que a série pictórica constitui uma experiência integrativa ao juntar memória histórica, sensibilidade estética e educação em saúde. Ao mobilizar afetos, provocar estranhamento e estimular leituras críticas do passado, o produto reafirma o potencial da pesquisa baseada em arte como estratégia formativa e como recurso relevante para o ensino em saúde.

5.2. Desafios observados na pesquisa

A implementação do produto técnico evidenciou desafios que atravessam tanto a natureza da linguagem artística quanto as condições concretas de sua inserção em contextos formativos. Tais desafios não invalidam a pesquisa, mas delimitam seus alcances e explicitam as mediações necessárias para sua aplicação crítica e responsável no ensino em saúde.

O primeiro desafio refere-se às especificidades da linguagem artística enquanto recurso pedagógico. A densidade simbólica das imagens demanda tempo de fruição, interpretação e elaboração reflexiva, o que nem sempre se compatibiliza com a organização curricular pautada por cargas horárias rígidas e por conteúdos fragmentados. O tempo pedagógico e tempo da experiência estética já foi apontado por Eisner (2002), ao destacar que processos formativos mediados pela arte exigem condições institucionais que reconheçam a aprendizagem como experiência dialógica e não imediata.

Um segundo desafio diz respeito à abordagem de temáticas sensíveis, especialmente aquelas relacionadas à morte em larga escala, à negligência estatal e ao sofrimento coletivo. As imagens que compõem a série acionam respostas emocionais intensas, o que requer dos educadores habilidades pedagógicas para acolher tais reações a fim de evitar tanto a banalização do sofrimento quanto sua espetacularização. A utilização da arte como dispositivo educativo em saúde demanda uma postura formativa alinhada à humanização do cuidado, conforme discutido por Campos (2000), ao compreender a saúde como um campo atravessado por disputas éticas, políticas e simbólicas.

Um terceiro obstáculo identificado relaciona-se às condições materiais dos espaços educativos. A proposta expositiva imersiva idealizada, que potencializaria o impacto sensorial das telas, esbarra na frequente carência de ambientes e equipamentos adequados para projeção, iluminação cênica ou ambientação sonora. Diante dessa limitação, a pesquisa orientou a elaboração de materiais impressos e formatos adaptáveis,

buscando garantir a acessibilidade e sua viabilidade em diferentes realidades institucionais.

Por fim, o limite epistemológico, próprio das pesquisas históricas que se debruçam sobre populações marginalizadas, a baixa quantidade das fontes primárias, sobretudo aquelas que poderiam registrar as impressões direta dos retirantes, impõem restrições à reconstrução de experiências individuais e coletivas. Essa ausência documental, entretanto, reafirma o argumento central da pesquisa acerca do apagamento histórico dessas populações, cabendo a arte preencher as lacunas deixadas pelos registros oficiais. De forma que, os desafios observados não se configuram como fragilidades, mas como elementos constitutivos de sua complexidade. Indicam, portanto, a necessidade de mediação da arte como forma de conhecimento no campo da educação em saúde.

5.3. Potencial de expansão

A pesquisa indica que o produto técnico possui potencial de ampliação para além dos contextos nos quais foi inicialmente aplicado. Tal expansão não se restringe à difusão da série pictórica, mas envolve a adaptação de suas estratégias formativas a diferentes linguagens e espaços educativos, preservando sua intencionalidade crítico-pedagógica.

Um possível desdobramento consiste na transposição da experiência para o ambiente digital, por meio da construção de uma exposição virtual interativa. Esse formato pode permitir ampliar o acesso ao conteúdo, especialmente em contextos geograficamente distantes, além de favorecer a integração de recursos narrativos e sensoriais. A virtualização da série não implica a perda de densidade conceitual, mas a reconfiguração da experiência estética como mediação educativa compatível com práticas contemporâneas.

A expansão relaciona-se ainda ao uso das obras em linguagens próprias das mídias digitais. A elaboração de materiais audiovisuais de curta duração, baseados em recortes das pinturas e acompanhados de problematizações orientadas, pode contribuir para ampliar o alcance do debate histórico-sanitário junto a públicos diversos. Quando articulados a propostas pedagógicas consistentes, esses materiais podem atuar como elementos introdutórios à discussão de temas complexos, sem reduzir a profundidade que sustenta o produto.

Ressalte-se, ainda, o potencial de institucionalização da proposta em programas de formação. A incorporação do produto em componentes curriculares de cursos de licenciatura, áreas da saúde e programas de educação permanente configura-se como

estratégia relevante e de impacto social. A série pictórica pode ser utilizada como metodologia formativa capaz de articular memória e reflexão crítica sobre as desigualdades que atravessam as políticas de saúde. Essa expansão do produto não se limita à multiplicação de formatos, mas reside na capacidade de sustentar práticas educativas comprometidas com a sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida ao longo desta dissertação demonstrou que a arte, quando assumida como linguagem epistemológica, pode atuar simultaneamente como mecanismo de memória, estratégia metodológica e recurso formativo no campo da educação em saúde. A série pictórica ora composta por *Os Retirantes da Grande Seca*, *A Noite dos Mil Mortos* e *O Pedido e a Negação* evidenciou que a representação nas telas não se limita à mera ilustração do passado, mas funciona como meio de impressão crítica da história no presente, mobilizando sensibilidades e convocando o espectador a reconhecer a historicidade das desigualdades no contexto brasileiro.

Ao investigar a Grande Seca de 1877–1879 e as epidemias de varíola em Fortaleza, tornou-se evidente que a elaboração de imagens sobre tragédias históricas não implica a reprodução do sofrimento, mas a produção de memória social. O percurso metodológico permitiu compreender que a criação artística, quando ancorada em pesquisa histórica e reflexão ética, pode transformar o luto coletivo em testemunho visual, evitando tanto a espetacularização da dor quanto sua neutralização estética. Posto isto, a série pictórica se expressa como pedagogia da memória, na qual o passado, ao ser reaproximado pela imagem, torna-se referência crítica para a leitura do presente e para a responsabilização social.

Os resultados alcançados permitem afirmar que os objetivos propostos pela pesquisa foram atendidos, ao evidenciar três contribuições centrais. Em consonância com o objetivo de investigar o potencial formativo da arte no ensino em saúde, confirmou-se a pintura como tecnologia educacional capaz de integrar dimensões cognitivas, afetivas e críticas, ampliando práticas pedagógicas tradicionalmente centradas na racionalidade técnica. Atendendo ao objetivo de desenvolver um produto educacional, a pesquisa resultou em um artefato multimodal que articula arte, história e educação, oferecendo subsídios concretos para práticas formativas sensíveis às desigualdades sociais e sanitárias. Por fim, em diálogo com o objetivo de analisar criticamente o resgate de Rodolfo Teófilo como referência histórica e pedagógica, o estudo desloca sua figura de uma narrativa heroica para a compreensão de uma ética de resistência diante da omissão estatal. Em conjunto, essas contribuições reforçam a necessidade de dissociar o ensino em saúde de uma perspectiva estritamente biomédica para uma formação comprometida com a dignidade humana e a justiça social.

Reconhecem-se, entretanto, limites inerentes ao percurso investigativo. A escassez de registros primários produzidos pelos próprios retirantes evidencia a

seletividade da memória institucional, ao mesmo tempo em que reforça o argumento central da pesquisa acerca do apagamento histórico dessas populações. De igual modo, evidenciou-se que a mediação de temas sensíveis requer preparo pedagógico específico, evitando a estetização da miséria ou a banalização da dor.

Como desdobramentos futuros, recomenda-se a ampliação do produto por meio da criação de uma plataforma digital pública que reúna a série pictórica e seus materiais educativos, bem como a oferta de formações voltadas a docentes e mediadores culturais interessados na articulação entre arte, saúde e memória coletiva. Indica-se, ainda, o desenvolvimento de pesquisas que possam avaliar, de forma mais sistemática, os impactos da experiência estética na construção de consciência histórico-crítica.

Conclui-se, portanto, que a arte além de registrar o passado, ela intervém. Quando articulada à educação e à saúde, constitui-se como prática crítica de enfrentamento ao esquecimento e como tecnologia formativa voltada à defesa da vida. As telas produzidas nesta pesquisa destacam-se, simultaneamente, como documentos históricos e como recursos formativos, convocando ao cuidado solidário e à responsabilidade coletiva.

7. REFERÊNCIAS

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. **Rodolfo Teófilo**. Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://academiacearensedeletas.org.br/membros/rodolfo-teofilo-2/>. Acesso em: 13 out. 2025.

ALENCAR, Francisco José de. **A seca de 1877**: o flagelo que marcou o Nordeste. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2012. Disponível em: <https://www.srh.ce.gov.br/historico/>. Acesso em: 25 set. 2025.

ALENCAR, Gilberto Alves de. **O impacto da seca de 1877 no Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Editora UFC, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A paixão medida**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BARONE, Tom; EISNER, Elliot. **Arts based research**. Thousand Oaks: Sage, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGAMINI JUNIOR, Atilio. "Scenas da secca", de 1878: o folhetim desaparecido de Rodolfo Teófilo. **O Eixo e a Roda**: Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, v. 33, n. 2, p. 1–20, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/53422. Acesso em: 7 set. 2025.

BREILH, Jaime. **Epidemiologia crítica**: ciência emancipadora e interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **A saúde como território ético**. São Paulo: Hucitec, 2000.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Um método para análise e cogestão de coletivos**. São Paulo: Hucitec, 2000.

CARDOSO, Raquel Martins. Migrações internas no Brasil: causas e consequências. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 75, 2011.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2001.

DANTAS, Roberto Nunes. A seca de 1877–1879 no Nordeste brasileiro. **Revista Canudos**, v. 13, n. 24, p. 101–120, 2025. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/P.2237-9967.2024v13n24p101-120>. Acesso em: 25 set. 2025.

- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**: as questões colocadas aos fins de uma história da arte. São Paulo: Editora 34, 2012.
- EISNER, Elliot W. **As artes e a criação da mente**. New Haven: Yale University Press, 2002.
- FARIAS, Thiago Alexandre Rodrigues. **A pandemia da COVID-19 no Ceará**: impactos, respostas institucionais e desafios para o sistema de saúde. 2023. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/74027/1/2023_dis_tarfarias.pdf. Acesso em: 9 jan. 2026.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC/IPHAN, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977–1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação para uma compreensão crítica da arte**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento**: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1998.
- KAËS, René. **O grupo e o sujeito do grupo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- KOSÍK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LAURELL, Asa Cristina. **A saúde-doença como processo social**. São Paulo: Hucitec, 1982.

- MELLO, Francisco Pereira de. **História da saúde pública e pactos de silêncio**. Fortaleza: [s. n.], 1993.
- MELLO, José. **Rodolfo Teófilo: o sanitarista rebelde**. Fortaleza: SECULT, 1993.
- MERHY, Emerson Elias. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MIRANDA, Francisco José. **A grande seca: fome, migração e morte no Ceará oitocentista**. Fortaleza: Editora UFC, 2007.
- MIRANDA, Maria Yedda. **História da saúde pública no Brasil: exclusão e resistência**. São Paulo: Hucitec, 2007.
- NORA, Pierre. **Os lugares de memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 1993.
- PANOFSKY, Erwin. **Estudos de iconologia**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25–39, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11214>. Acesso em: 13 dez. 2025.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- REIS, João José. **Desigualdades e secas no Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas: Autores Associados, 2000.
- SCIFONI, Simone. Educação patrimonial: disputas, sentidos e práticas. **Revista CPC**, São Paulo, n. 13, p. 7–28, 2012.
- SILVA, J. A. *et al.* COVID-19 in Brazil: historical trajectory, political disputes and impacts on public health. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11256571/>. Acesso em: 9 jan. 2026.
- SILVA, Joaquim Alves da. **A grande seca: Fortaleza e os retirantes (1877–1879)**. Fortaleza: Edições UFC, 2003.
- SILVA, Maria do Carmo. **Fome e exclusão no Nordeste imperial**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2003.
- SOUSA JÚNIOR, Hélio Beserra; ALENCAR, Manoel Carlos Fonseca de. **Trajetória e formação de Rodolfo Teófilo**. Fortaleza: [s. n.], 2017. Disponível em:

https://www.uece.br/eventos/jihlfeclesc/anais/trabalhos_completos/363-41902-07112017-192315.pdf. Acesso em: 13 out. 2025.

STARLING, Heloisa Murgel; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

STOTZ, Eduardo Siqueira. **Formação em saúde: aspectos simbólicos e socioculturais**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2006.

SULLIVAN, Graeme. **Art practice as research**. Thousand Oaks: SAGE, 2010.

TEÓFILO, Rodolfo. **Epidemias e febres nos sertões do Brasil**. Fortaleza: [s. n.], 1904.

TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará (1877–1879)**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1922.

TEÓFILO, Rodolfo. **Variola e vacinação no Ceará no século XIX: memórias e intervenções**. Fortaleza: Typographia Studart, 1904.

THEÓFILO, Rodolfo Marcos. **A fome: cenas da sêcca do Ceará**. Ceará: G. R. Silva, 1890.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **Doença e sociedade: a varíola e a cultura da doença no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **Vacinas, varíola e sociedade no Brasil imperial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

8. APENDICES

8.1. APENDICE A – DIÁRIO DE ATELIÊ: registro do processo criativo das obras pictóricas

8.1.1. Apresentação e finalidade do Diário de Ateliê

No âmbito desta pesquisa, o Diário de Ateliê foi construído como dispositivo de registro e acompanhamento do processo criativo, permitindo documentar de maneira sistemática as escolhas estéticas, os impasses éticos e as construções simbólicas associadas à produção da série pictórica. No contexto da *Art-Based Research* adotada, o diário operou como suporte de acompanhamento e organização do processo criativo, configurando-se como registro técnico e reflexivo do percurso realizado, contribuindo para a clareza metodológica do estudo.

8.1.2. Estrutura metodológica do diário

O Diário de Ateliê foi organizado de maneira cronológica e reflexiva, reunindo registros textuais, visuais e analíticos destinados a documentar o desenvolvimento do processo criativo ao longo da produção das obras pictóricas. Cada entrada corresponde a momentos específicos do trabalho em ateliê, permitindo acompanhar a sequência de decisões, experimentações e revisões realizadas durante a elaboração das pinturas.

Os registros contemplam, conforme a pertinência de cada etapa, a descrição das decisões estéticas relativas à composição, à escala, à perspectiva e à materialidade pictórica; os ensaios cromáticos e estudos de luz, envolvendo temperatura de cor, contrastes e atmosferas; os esboços estruturantes, incluindo desenhos preparatórios e estudos da figura humana; bem como os apontamentos relativos aos tensionamentos éticos associados à representação da dor, da morte, da fome e da vulnerabilidade social. O diário também reúne reflexões simbólicas e narrativas diretamente vinculadas à prática artística desenvolvida.

Essa estrutura possibilita a sistematização do processo de criação como conjunto de procedimentos observáveis, funcionando como registro documental do percurso realizado no ateliê e como base empírica para a análise das obras no corpo da dissertação.

8.1.3. O Diário de Ateliê como dado analítico na *Art-Based Research*

No contexto da *Art-Based Research* adotada, o Diário de Ateliê foi utilizado como registro analítico do processo criativo, permitindo acompanhar revisões, reformulações e

decisões compositivas que subsidiaram a análise das obras. As anotações nele registradas buscam tornar explícitos os processos cognitivos, afetivos e éticos que atravessam a construção das imagens.

Dessa forma, o diário constitui-se como material empírico de apoio à análise, ao registrar a constituição progressiva das imagens e os deslocamentos ocorridos ao longo do processo. Cada pintura é, assim, compreendida como unidade narrativa e analítica, cujo significado não se encerra na obra final, mas se constrói ao longo do processo registrado, conforme evidenciado pelos apontamentos sistematizados no diário.

8.1.4. Registros específicos das obras

8.1.4.1. Figura 1 – Os Retirantes da Grande Seca (2025)

Óleo sobre tela, 70 × 100 cm, Fortaleza–Brasil.

Os registros do Diário de Ateliê referentes a esta obra concentram-se na investigação da corporeidade da fome e do deslocamento forçado, a partir de estudos iconográficos e históricos sobre a Grande Seca de 1877–1879 e a epidemia de varíola. O diário documenta o processo de definição de uma paleta cromática predominantemente terrosa e dessaturada, assim como a opção por uma composição horizontal, concebida para intensificar a sensação de travessia contínua, exaustão física e suspensão temporal. No plano ético, os registros evidenciam os tensionamentos relacionados à representação da vulnerabilidade social, orientando a criação no sentido de evitar a estetização do sofrimento. A construção das figuras busca, assim, preservar a dignidade dos corpos camponeses, enfatizando gestos de cuidado, proteção familiar e resistência silenciosa, elementos que conferem à obra uma dimensão narrativa, memorial e pedagógica articulada aos objetivos da pesquisa.

8.1.4.2. Figura 2 – A Noite dos Mil Mortos (2025)

Óleo sobre tela, 70 × 100 cm, Fortaleza, Brasil.

Nesta obra, o Diário de Ateliê registra experimentações voltadas à construção de uma atmosfera noturna, expressando a forma da matéria pictórica. As anotações evidenciam a adoção de pinceladas abertas, veladuras e sobreposições cromáticas como estratégias narrativas destinadas a representar a morte coletiva e a epidemia não como eventos pontuais, mas como fenômenos difusos e onipresentes no espaço social. No plano simbólico, os registros destacam a recorrência da cruz, das figuras espectrais e da

paisagem urbana indistinta como metáforas da invisibilização social dos mortos, estabelecendo diálogo com a noção de memória silenciada que atravessa as crises sanitárias e reforçando a dimensão memorial e crítica da obra no contexto da pesquisa.

8.1.4.3. Figura 3 – O Pedido e a Negação (2025)

Óleo sobre tela, 70 × 100 cm, Fortaleza, Brasil.

Os registros do Diário de Ateliê referentes a esta obra concentram-se na análise do conflito entre ciência, poder e exclusão social, a partir da representação simbólica da vacina como objeto de disputa. O diário explicita as decisões compositivas adotadas para produzir tensão entre os personagens, bem como o emprego da luz como recurso narrativo destinado a demarcar a separação entre autoridade e vulnerabilidade. No plano ético, os registros evidenciam os tensionamentos associados à ambiguidade da ciência, compreendida simultaneamente como instrumento de cuidado coletivo e como mecanismo de imposição autoritária do Estado, conferindo à obra uma dimensão crítica que dialoga diretamente com os objetivos analíticos e pedagógicos da pesquisa.

8.1.5. Contribuição do diário para a pesquisa

O Diário de Ateliê integra o desenho metodológico desta pesquisa como registro documental e sistemático do processo criativo, contribuindo para a clareza dos procedimentos adotados e para a rastreabilidade das decisões formais e conceituais que fundamentaram a análise das obras pictóricas. Ao acompanhar o trabalho desenvolvido no ateliê, o diário permite explicitar de que modo as imagens foram construídas ao longo do percurso investigativo, servindo como suporte empírico para a apresentação da leitura das obras no corpo da dissertação.

Considerando que o estudo articula análise documental, produção artística autoral e consulta a acervos públicos de acesso aberto, o diário também cumpre a função de explicitar os critérios éticos que orientaram a pesquisa. Todos os materiais respeitam as normativas legais e os direitos autorais vigentes. As obras apresentadas são inéditas e resultam diretamente do processo investigativo conduzido, não havendo utilização indevida de imagens, documentos ou referências protegidas, o que reforça a consistência ética e metodológica do estudo.

8.2. APENDICE B – ICONOGRAFIA SUPLEMENTAR

8.2.1. Ana Nascimento Pereira



Ana Nascimento Pereira”. 2025. Óleo sobre tela. 40cm x 30cm. Fortaleza Brasil. Ernane Pereira

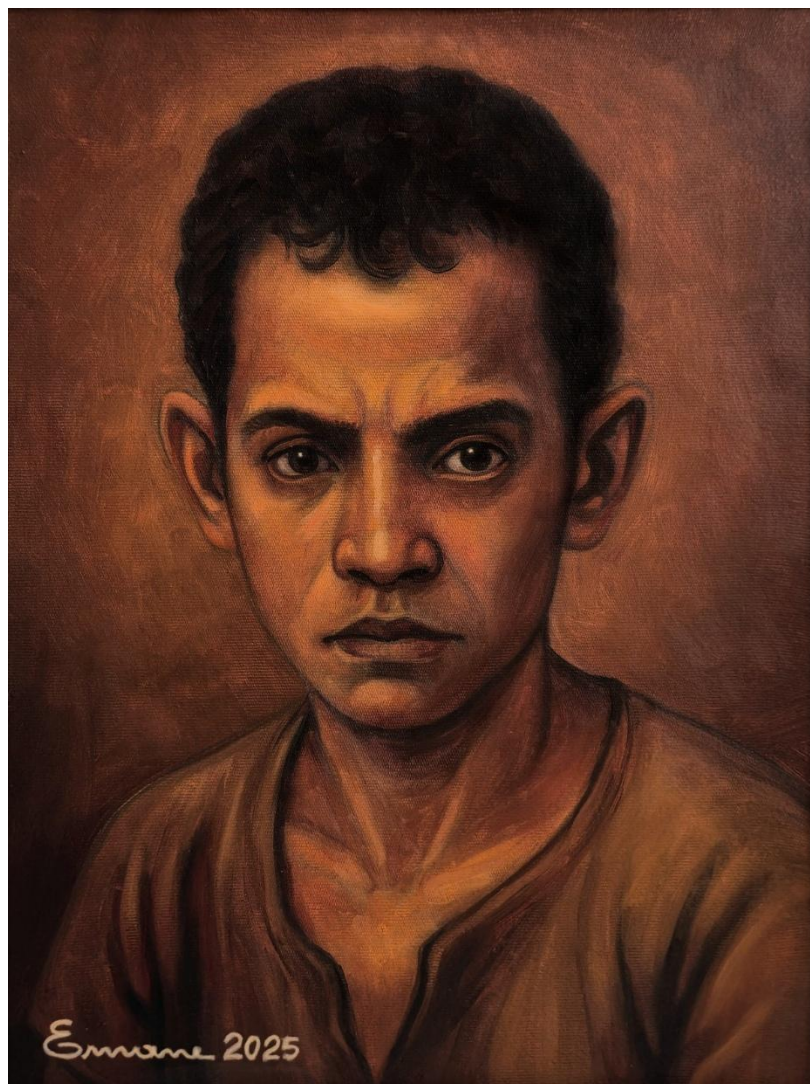
8.2.2. Dirce Maria Nascimento Pereira



Dirce Maria Nascimento Pereira. 2025. Óleo sobre tela. 40cm x 30cm. Fortaleza Brasil.

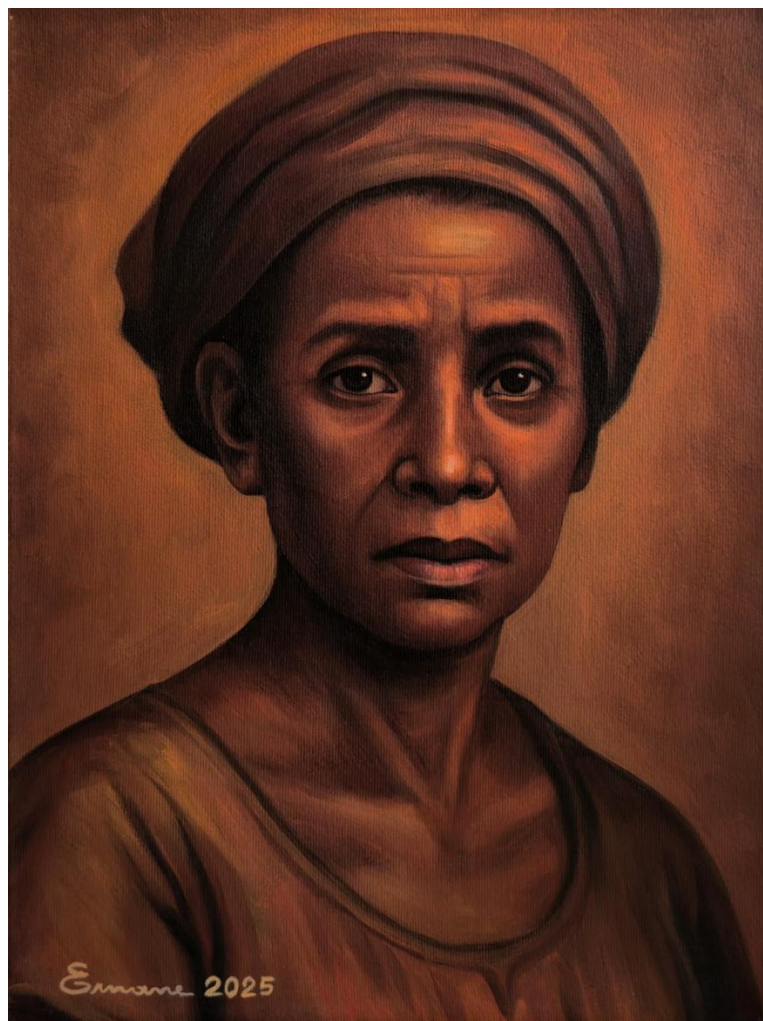
Ernane Pereira

8.2.3. Chagas Nascimento



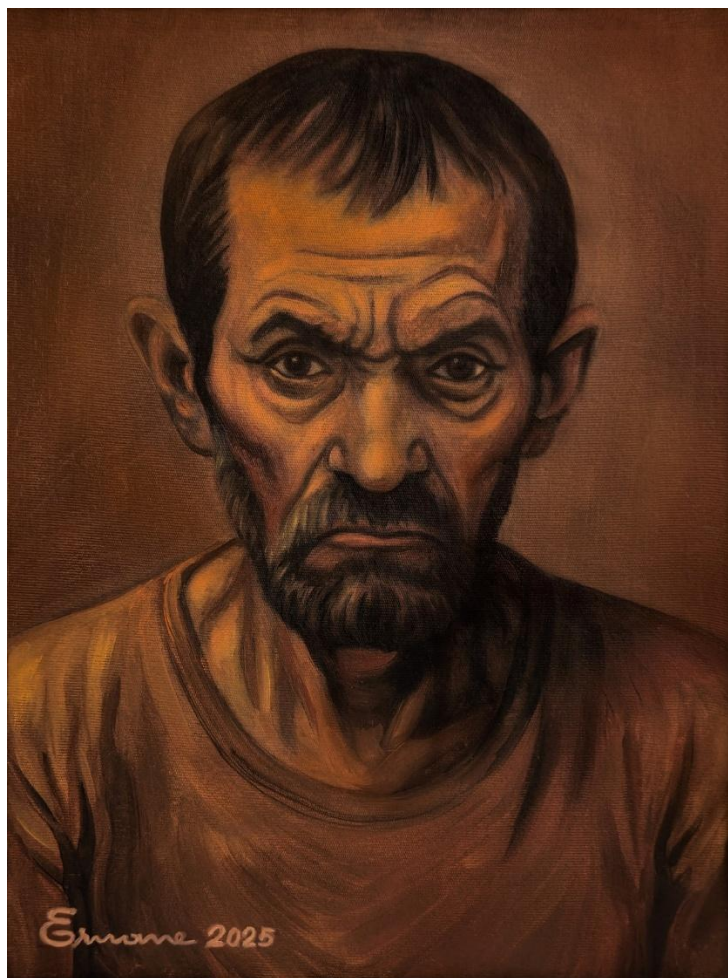
Chagas Nascimento". 2025. Óleo sobre tela. 40cm x 30cm. Fortaleza Brasil. Ernane Pereira

8.2.4. Izídia Pereira



Izídia Pereira. 2025. Óleo sobre tela. 40cm x 30cm. Fortaleza Brasil. Ernane Pereira

8.2.5. Chico Pereira



Chico Pereira. 2025. Óleo sobre tela. 40cm x 30cm. Fortaleza Brasil. Ernane Pereira

8.2.6. O pesadelo de Ana



O Pesadelo de Ana. 2025. Óleo sobre tela. 70cm x 100cm. Fortaleza Brasil. Ernane Pereira

8.2.7. O Banquete Sombrio



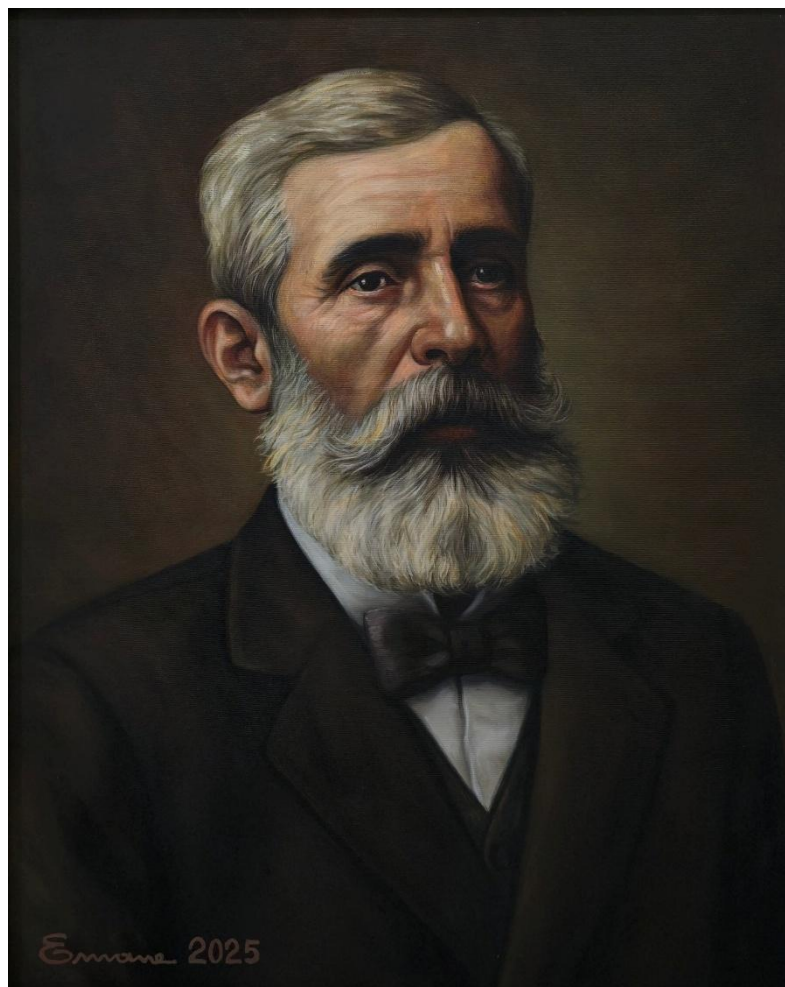
O Banquete Sombrio. 2025. Óleo sobre tela. 60cm x 45cm. Fortaleza Brasil. Ernane Pereira

8.2.8. Chico e Ana



Chico e Ana". 2025. Óleo sobre tela. 60cm x 45cm. Fortaleza Brasil. Ernane Pereira

8.2.9. Rodolpho Theophilo



Rodolpho Theophilo. 2025. Óleo sobre tela. 50 x 40cm. Fortaleza Brasil. Ernane Pereira

8.2.10. A Fortaleza dos Ausentes



Absentes adsunt. 2026. Óleo sobre tela. 100cm x 150cm. Fortaleza Brasil. Ernane Pereira